

RESSALVA

Atendendo solicitação
do(a) autor(a), o texto completo
desta dissertação será
disponibilizado somente a partir de
17/12/2025.

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS**

THAÍS DE ALMEIDA RODRIGUES

**EUSÉBIA, CONSTANTINA E SUAS AÇÕES POLÍTICO-CULTURAIS NA CORTE
DE JULIANO CÉSAR E DO IMPERADOR CONSTÂNCIO II (SÉCULO IV EC)**

FRANCA

2024

THAÍS DE ALMEIDA RODRIGUES

**EUSÉBIA, CONSTANTINA E SUAS AÇÕES POLÍTICO-CULTURAIS NA CORTE
DE JULIANO CÉSAR E DO IMPERADOR CONSTÂNCIO II (SÉCULO IV EC)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” como requisito para a obtenção do título de Mestre em História. Sob a supervisão da Prof.^a Dr.^a Margarida Maria de Carvalho (Departamento de História e Pós-graduação em História da Unesp/Franca).

FRANCA

2024

THAÍS DE ALMEIDA RODRIGUES

**EUSÉBIA, CONSTANTINA E SUAS AÇÕES POLÍTICO-CULTURAIS NA CORTE
DE JULIANO CÉSAR E DO IMPERADOR CONSTÂNCIO II (SÉCULO IV EC)**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Franca-SP, para obtenção do título de Mestre(a) em História.

Área de Concentração: Política: ações e representações

Data da defesa: 17/12/2024

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Margarida Maria de Carvalho

UNESP - Faculdade de Ciências Humanas e Sociais - Campus de Franca

Prof. Dr. Renan Frighetto

UFPR – Universidade Federal do Paraná - Curitiba

Prof. Dr. Janira Feliciano Pohmann

UFPR – Universidade Federal do Paraná - Curitiba

R696e

Rodrigues, Thaís de Almeida

Eusébia, Constantina e suas ações político-cultuais na corte do César Juliano e do Imperador Constancio II (Século IV EC) / Thaís de Almeida Rodrigues. -- Franca, 2024

150 p. : fotos, mapas

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Franca

Orientador: Margarida Maria de Carvalho

1. História Antiga. 2. Antiguidade Tardia. 3. Mulheres imperiais. 4. Dinastia Constantiniana. 5. Ações político-culturais. I. Título.

Impacto potencial desta pesquisa

Esta pesquisa é um convite a repensar o papel feminino na construção do poder imperial romano e a reconhecer as múltiplas formas de liderança e autoridade exercidas por essas imperatrizes, detalhando como, através de suas iniciativas, Eusébia e Constantina contribuíram para a manutenção da ordem imperial e interferiram em questões políticas.

Potential impact of this research

This research is an invitation to rethink the female role in the construction of Roman imperial power and to recognize the multiple forms of leadership and authority exercised by these empresses, detailing how, through their initiatives, Eusebia and Constantina contributed to the maintenance of imperial order and interfered in political matters.

AGRADECIMENTOS

Muitas pessoas foram essenciais para que esta trajetória de pesquisa e escrita se tornasse realidade. Em primeiro lugar, agradeço aos meus pais, Edna Esleida de Almeida e Luciano dos Santos Rodrigues, pelo apoio incondicional e pelo incentivo constante para que eu sempre buscasse o meu melhor nos estudos. Muito do que sou hoje devo aos pequenos gestos que alimentaram minha paixão pela leitura: os livrinhos de contos de fadas, os gibis da Turma da Mônica e até mesmo aqueles livros "proibidos" que vocês deixavam passar com um sorriso discreto. A História é feita de leituras, e sem esse incentivo, talvez eu nunca tivesse encontrado meu caminho.

Agradeço também aos meus avós, Iraci Simões de Almeida e Vitor Domingues de Almeida, por sua presença e carinho ao longo da minha vida. Um agradecimento especial às minhas tias maternas, em especial à tia Deidis Fátima de Almeida, ao meu primo Gabriel Henrique de Almeida e à minha irmã Luiza de Almeida Rodrigues, que sempre torceram por mim e me apoiaram incondicionalmente.

Agradeço igualmente aos historiadores que integraram minha banca de mestrado: Prof. Dr. Renan Frighetto, Prof. Dr. Júlio Cesar Magalhães de Oliveira, Prof. Dr. Deivid Valério Gaia e Profa. Dra. Janira Feliciano Pohlmann. Suas sugestões foram fundamentais para a concretização deste livro, e seus conselhos permanecerão como guias preciosos ao longo de toda a minha trajetória acadêmica. Preciso mencionar a minha orientadora de Mestrado, a Profa. Dra. Margarida Maria de Carvalho, que me mostrou, de forma prática e inquestionável, todas as sutilezas e peculiaridades que tornam o universo acadêmico tão único. Sua orientação foi, sem dúvida, uma lição em muitos sentidos.

Sou profundamente grata à Ana Carolina Picoli Sotocorno, cuja generosidade e competência como pesquisadora foram verdadeiras bússolas para mim no universo acadêmico. Os seus conselhos e, sobretudo, a sua amizade fizeram toda a diferença nessa jornada tão desafiadora. Espero que o futuro nos reserve ainda mais projetos e conquistas juntas.

A cada um de vocês, que de alguma forma deixou sua marca nesta caminhada, dedico a minha mais sincera gratidão. Sem vocês, este livro não seria possível.

Muito obrigada!

RESUMO

A imperatriz Eusébia (? – 360) e Constantina (325 – 354), respectivamente, a segunda esposa e a irmã do imperador Constâncio II (317 – 361), tiveram suas ações político-culturais registrada em algumas documentações textuais da Antiguidade Tardia. Dentre essas documentações, destacamos o *Panegírico em honra à imperatriz Eusébia* e *Carta ao Senado e ao povo de Atenas*, de Juliano (331 – 363), as *Res Gestae*, de Amiano Marcelino (325 – 391), e a *História Eclesiástica*, de Filostórgio (368 – 439). Tais obras relatam algumas interferências de Eusébia e Constantina em assuntos imperiais de cunho político cultural. Dentre elas, temos conhecimento do apoio de Eusébia à nomeação de Juliano como César e o papel de Constantina no convencimento do usurpador Vetrânio (? – 356) a se autodeclarar César e combater o usurpador Magnêncio (303 – 353). A partir da leitura dessas obras, visamos explorar nessa dissertação a atuação dessas duas mulheres na corte imperial de Constâncio II e do César Juliano como mantenedoras da ordem imperial, mesmo que não ocupassem cargos político-administrativos definidos. Dessa forma, demonstraremos as interferências delas tanto nos assuntos externos quanto internos do Império Romano, tais como problemas relacionados às fronteiras, usurpações e questões político-religiosas.

Palavras chave: Antiguidade Tardia; Imperatriz Eusébia; Constantina; Juliano; Amiano Marcelino; Filostórgio.

ABSTRACT

Empress Eusebia (?–360) and Constantina (325–354), respectively, the second wife and sister of Emperor Constantius II (317–361), had their political and cultural actions recorded in some works from Late Antiquity. Among these documents, we chose the *Panegyric in honor of Empress Eusebia* and *Letter to the Senate and People of Athens*, by Julian (331–363), the *Res Gestae* by Ammianus Marcellinus (325–391), and the *Ecclesiastical History*, by Philostorgius (368–439). These works report some of Eusebia's and Constantina's interference in imperial matters of a political and cultural nature. Among them, we know of Eusebia's support for the appointment of Julian as Caesar and Constantina's role in convincing the usurper Vetranius (? – 356) to declare himself Caesar and fight the usurper Magnentius (303 – 353). Based on the reading of these works, we aim to explore in this dissertation the role of these two women in the imperial court of Constantius II and Julian Caesar as maintainers of the imperial order, even though they did not hold defined political-administrative positions. In this way, we will demonstrate their interference in both the external and internal affairs of the Roman Empire, such as problems related to borders, usurpations and political-religious issues.

Keywords: Late Antiquity; Empress Eusebia; Constantina; Julian; Ammianus Marcellinus; Philostorgius.

LISTA DE FIGURAS

Mapa 1 – Divisão do Império Romano sob os filhos de Constantino.....	59
Mapa 2 – Macedônia na Antiguidade Tardia.....	95
Figura 1 - Grupo de pórfiro de tetrarcas em armadura.....	60
Figura 2 - Moeda de Magnêncio com cristograma no anverso.....	77
Figura 3 - Gravura de Constantina publicada em 1553.....	78
Figura 4 - Planta do complexo de Santa Agnes por Giovanni Battista Piranesi de 1756.....	79
Figura 5 – Visão externa do Mausoléu de Constantina.....	79
Figura 6 - Mosaico com representações de videiras e Constantina (supostamente) no centro.....	80
Figura 7 - Mosaico das chaves de São Pedro localizado no mausoléu de Constantina.....	81
Figura 8 – Moeda do usurpador Vetrânio com verso anverso.....	85
Figura 9 - Moeda representado Nepociano ligado à dinastia Constantiniana.....	87
Figura 10 – Sarcófago de Constantina em Porfírio.....	92
Figura 11 – Gravura de Eusébia publicada em 1553.....	109

Abreviações

Jul. Or. I – Panegírico ao Imperador Constâncio

Jul. Or II – Panegírico em Honra à Imperatriz Eusébia

Jul Or III – Sobre as ações do Imperador Constâncio ou sobre a realeza

Jul. ad Ath. – Carta ao Senado e ao povo de Atenas

Amm. Marc – Amiano Marcelino

Philost. - Filostórgio

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
CAPÍTULO 1 – Tratamento documental e historiográfico das obras de Amiano Marcelino, Filostórgio e Juliano.....	19
1.1 Amiano Marcelino e suas <i>Res Gestae</i>	20
1.2 As <i>Res Gestae</i>	24
1.3 Filostórgio.....	30
1.4 A História Eclesiástica.....	35
1.5 Juliano.....	41
1.6 O <i>Panegírico em Honra à Imperatriz Eusébia</i>	44
1.7 A Carta ao senado e ao Povo de Atenas.....	55
1.8 Observações finais.....	53
CAPÍTULO 2 –A Antiguidade Tardia: da Tetrarquia ao governo de Constâncio II (293-360 EC)	57
2.1 Antiguidade Tardia: uma discussão conceitual.....	57
2.2 Contextualização histórica da Tetrarquia ao governo de Constâncio II.....	62
CAPÍTULO 3 – Mulheres de ação: as participações de Constantina e de Eusébia nas questões Imperiais (350 a 361).....	78
3.1. As Usurpações de 350 e a participação de Constantina.....	80
3.2 As polêmicas de Constantina e do César Galo na Antioquia.....	91
3.3 A imperatriz Eusébia e sua origem.....	97
3.4 A atuação da imperatriz Eusébia em seu curto período político.....	99
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	113
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	116
ANEXO - Árvore Genealógica da Família de Constantino com destaque para as mulheres.....	131
APÊNDICE - Catálogo do <i>corpus</i> documental.....	132

Introdução

As ações de mulheres em proximidade ao poder, como rainhas ou imperatrizes, sempre terão repercussões político-culturais, pois o impacto das suas decisões vai além do individual ou local, acaba por transbordar para um nível territorial. No caso das imperatrizes romanas, esse espaço era o Império, vasto em tamanho e em diversidades culturais. A imperatriz Eusébia (? – 360¹) e sua contemporânea, Constantina (325 – 354) fazem parte da Dinastia Constantiniana, mais especificamente, viveram no recorte temporal do governo do imperador Constâncio II (337-361). Algumas de suas ações tiveram impacto suficiente para ficarem registradas em uma quantidade considerável de escritos de autores de sua época, assim como obras de séculos que se sucederam. Dentre essas obras, selecionamos para a pesquisa que se segue o *Panegírico em honra à imperatriz Eusébia* e *Carta ao Senado e ao povo de Atenas*, de Juliano (355-363), as *Res Gestae* (livros XIV-XXI), de Amiano Marcelino (325 – 391), e a *História Eclesiástica*, de Filostórgio (368 – 439).

Muitos são os exemplos de estudos sobre mulheres poderosas de diversas épocas, da Antiguidade até a Contemporaneidade, como Cleópatra VII, as Agripinas ou Elisabete I da Inglaterra. A abundância ou a carestia, ou até mesmo a inexistência de estudos sobre mulheres específicas dependem da disponibilidade de documentações, dentre cultura escrita e material, da personagem feminina em questão. Registros sobre mulheres na Antiguidade não são tão abundantes quanto os dos períodos que se aproximam da atualidade. Devemos considerar que uma das causas dessa escassez de evidências seja simplesmente a passagem do tempo, a degradação natural do que é antigo. No entanto, devemos também ter em mente o predomínio masculino na cultura das suas épocas fazendo com que os autores das documentações raramente achassem relevante registrar mulheres em suas obras, ou o difícil acesso das mulheres à educação letrada que limitava a possibilidade de elas deixarem registros escritos de seu próprio punho.

Além disso, a preservação de obras produzidas por mulheres não foi vista como prioridade pelas sociedades posteriores. Devemos considerar que registros sobre mulheres da aristocracia, ainda, são infinitamente mais comuns do que daquelas mulheres de camadas menos favorecidas das sociedades, como camponesas ou escravas. Apesar disso, mesmo as primeiras,

¹ Todas as datas desta dissertação se referem à Era Comum, menos quando sinalizado como anterior a esse período.

muitas vezes, nem têm nome conhecido, são “a mãe”, a “esposa”, a “filha”, enfim, sempre ligadas a uma figura masculina.

Conforme nossa pesquisa, advinda de uma família proeminente da Macedônia, Eusébia tornou-se imperatriz ao casar-se com o Imperador Constâncio II em torno do ano de 352 ou 353, sendo sua segunda esposa. Não se tem registro de sua vida anterior a essa época e a maior parte da documentação textual menciona em mais detalhes seus atos do ano de 354 a 360, sendo este último o ano de sua morte. A memória dessa imperatriz se deve, em grande medida, às suas benfeitorias a Juliano, antes de sua ascensão como imperador, em razão da riqueza de registros sobre esse personagem histórico, inclusive o panegírico que ele mesmo dedicou a ela.

Tanto no panegírico quanto nas *Res Gestae*, podemos observar a influência da Imperatriz sobre as decisões imperiais, assim como seu incentivo à clemência do imperador e o benefício que ela concedia àqueles que eram próximos a ela, como seus irmãos Eusébio e Hipácio (Amm. XXI. 6,4) Já na *História Eclesiástica* de Filostórgio, além de aparecer como a esposa de Constâncio II e a benfeitora de Juliano, a Imperatriz aparece como uma das partes envolvidas em uma querela com um bispo que se teria iniciado quando o referido havia quebrado o protocolo imperial e se ausentado em uma espécie de cerimônia de boas-vindas à nova Imperatriz (Philost. VII, 6a). Filostórgio também contou que, afetada pela sua infertilidade, ela convenceu o marido a chamar do exílio o bispo ariano Teófilo, sob o intuito deste tratá-la com o seu toque curativo (Philost. IV, 7). (Transplantar para Considerações finais)

No que se refere a Constantina, ela também é chamada de Constância em algumas documentações e por autores contemporâneos que estudam historiografia tardo antiga. Filostórgio, por exemplo, nomeia-a de ambas as formas. Escolhemos chamá-la de Constantina por dois motivos: esse é o nome mais frequente nas documentações antigas e nas referências bibliográficas às quais tivemos acesso; e, acima de tudo, foi o nome que ela assinou na dedicatória que estava fixada na Igreja que ela dedicou a Santa Agnes. Para mais, desejamos evitar quaisquer confusões com Constância, meia-irmã de Constantino I, ou com a sua homônima, filha de Constâncio II e fruto do terceiro casamento dele com Faustina. Determinados autores, como Sozomeno (375 – 447) e Libânio (314 – 394), equivocam-na com Helena, sua irmã e esposa de Juliano.

Constantina era neta, filha e irmã de imperadores. Seu avô foi Constâncio I (305-306), seu pai era Constantino e seus irmãos eram Constantino II (337-340), Constante (337-350) e Constâncio II. Além disso, era neta de Helena Augusta, uma mulher emblemática que gozou de muito poder durante o governo de seu filho Constantino e ficou famosa por suas benfeitorias destinadas ao cristianismo como a construção de edifícios, peregrinações à terra santa e a

suposta descoberta da verdadeira cruz de Cristo. Portanto, Constantina tinha uma posição de destaque na família. Além de seguir os passos da avó em relações ao cristianismo, Constantina ficou marcada por suas interferências nas questões das usurpações de 350 e por sua postura polêmica junto de seu segundo marido, o César Galo, na cidade de Antioquia.

Considerando o exposto, nessa pesquisa, buscamos estudar as ações da imperatriz Eusébia e de Constantina a fim de averiguar as ações políticas, militares, culturais e religiosas que elas exerceram na corte do César Juliano (355 a 360) e do imperador Constâncio II (337-361). Somado a isso, investigamos se a proximidade delas com fenômenos de usurpação de tal arco temporal era estratégica e, sobretudo, em que medida Eusébia e Constantina agiram por conta própria enquanto agentes políticas. Com isso, partimos da Hipótese de as mulheres imperiais da Dinastia Constantiniana, durante o governo de Constâncio II, serem agentes da manutenção da Ordem Imperial.

Nesse intuito, esclarecemos que, quanto ao conceito de agência, recorremos à definição de Ville Vuolanto, que entende o termo como a capacidade que um indivíduo ou grupo tem de agir com propósito e que tal ação repercute nas redes de sociabilidade e nas estruturas de poder da sociedade em que se insere. O autor também esclarece que “a agência individual não significa necessariamente ação autônoma (por exemplo, seria completamente impossível e infrutífero tentar medir o nível de autonomia de qualquer ação versus restrições estruturais)” (Vuolanto, 2019, p. 42). Nesse sentido, o fato de uma mulher atuar em prol de sua família ou grupo social não diminuiria sua agência (Vuolanto, 2019, p. 42).

É fato que a legislação romana negava *potestas*² às mulheres e isso lhes impunha várias desvantagens. No período imperial romano, com a imposição da *tutela mulieris*, era obrigatório que elas ficassem sob a tutela masculina. No entanto, essa ideia nem sempre foi seguida à risca, e, gradualmente, abarcou cada vez menos mulheres. De acordo com Vuolanto, “no início do século III, a *tutela mulieris* claramente já não tinha qualquer significado real.” Isso significa

² Potestas refere-se ao poder legal ou formal, conferido por um cargo ou função oficial dentro das estruturas políticas e sociais de Roma. Esse poder era inerente ao cargo ocupado, como os de cônsul, pretor ou magistrado, sendo definido e limitado pelas normas jurídicas e políticas vigentes. Auctoritas, por outro lado, diz respeito à autoridade moral ou ao prestígio reconhecido pelos outros, baseado na sabedoria, experiência ou posição social. Diferentemente de potestas, não era um poder formal, mas sim uma forma de influência fundamentada no respeito e na legitimidade percebidos. Esses dois conceitos estavam interligados: a auctoritas frequentemente legitimava o exercício da potestas. Durante o período imperial, o imperador representava a fusão exemplar desses princípios. Ele possuía a potestas (poder formal) como chefe de Estado e comandante militar, mas também cultivava a auctoritas, consolidando sua posição e ampliando sua influência moral sobre o Senado e o povo romano. (Domingo, 1997; Casinos Mora, 1999)

que, na prática, tanto o sistema de gênero romano quanto seu sistema jurídico não eram monolíticos e não conseguiram ser “totalmente consistente em manter as mulheres sempre sob tutela ou em negar-lhes posições de autoridade”, principalmente as mulheres aristocráticas. (Vuolanto, 2019, p. 44-46) Assim, tendo sido excluídas as mulheres romanas do exercício de cargos públicos, sua *auctoritas* derivava de sua posição, riqueza, reputação e redes de sociabilidade (Hemelrijik, 2004, 222-225).

Para realizar o estudo proposto, lançamos mão de mais alguns recursos teóricos, os quais vamos expor brevemente. Quando se planeja um estudo histórico sobre as mulheres, uma das questões que vêm à mente é qual abordagem escolher. As duas correntes mais comuns a serem apontadas são a História das Mulheres e a História de Gênero. A História das Mulheres surgiu na década de 1960 quando acadêmicas feministas iniciaram um movimento para reivindicar o lugar das mulheres na história, buscar suas heroínas, as atuações femininas e expor a opressão sofrida pelas mulheres. Conforme Joan Scott, nesse primeiro momento, a História das Mulheres estava intimamente conectada com a História Política, todavia, no final da década seguinte, essa conexão cessou, ampliando seus horizontes com novos questionamentos acerca da vida das mulheres. Com o aumento desses questionamentos e dissidências internas, nos anos 1980, originou-se a História de Gênero, que rompeu definitivamente com a política (Scott, 1992, p.64-65).

Conforme Scott, “o termo ‘gênero’ sugere que as relações entre os sexos são um aspecto prioritário da organização social (em vez de derivarem de pressões econômicas ou demográficas)”, e que “os termos da identidade feminina e masculina são, em grande medida, determinados culturalmente”, além disso, também estabelece que “as diferenças entre os sexos constituem estruturas sociais hierárquicas que ao mesmo tempo são constituídas por eles” (Scott, 2008, p.45-46). Se considerarmos todo o desenvolvimento que essas abordagens ganharam ao longo dos anos com novos estudos e interdisciplinaridade, ambas são aplicáveis nos estudos da atualidade sobre mulheres. No entanto, não é a relação entre feminino e masculino, tão vital no gênero, o que pretendemos estudar e sim as ações das mulheres imperiais. Acrescentamos que, assim como Anne McClanan, consideramos que “O atributo mais distintivo das imperatrizes aos olhos do público era o fato de sua identidade imperial, e não feminina” (McClanan, 2002, p.2). Sendo assim, percebemos que as relações de poder são mais complexas e o feminino e o masculino, como conceitos socialmente criados, não são imutáveis e têm significados diferentes em diferentes épocas, para diferentes povos.

Nesse intuito, faremos uso do conceito de História Política, contido na coletânea *Por uma História Política* (2003), organizada por René Rémond. Rémond é considerado um dos

grandes responsáveis pela reabilitação de tal vertente histórica que, até então, havia sido negligenciada em função do advento da Escola do Annales. Essa escola julgava a História Política como factual e restritiva por estudar uma pequena parcela da sociedade, isto é, os grandes nomes que permearam a história humana, em detrimento do todo. A Nova História Política proposta por Rémond almejou integrar todos os âmbitos da sociedade, indo além das elites, e contemplar mais do que o evento histórico em si ao abranger uma variedade de temporalidades entre a curta e a longa duração (Rèmond, 2003).

Dessa forma a História Política, que não mais abarca apenas os homens importantes, mas as pessoas no geral, independente dos rótulos de sexo e gênero, irá nos dar suporte para entender a complexidade do poder das mulheres imperiais constantinianas, Constantina e Eusébia, e suas ações através das documentações tardo antigas. Quanto à definição que utilizaremos para poder, seguiremos o exemplo de Carina Marie Nilson, que, com o mesmo intuito de evitar o binarismo, combinou o significado de poder de 3 autores (Nilson, 2011, p.14-15). A primeira definição é a popularizada por Max Weber como “a probabilidade de que um ator dentro de uma relação social esteja em posição de realizar sua própria vontade apesar da resistência” (Weber, 1978, p.53). Em adição ao sentido estabelecido por Scott que é o “controle diferencial ou acesso a recursos materiais e simbólicos” (Scott, 1986). Por fim, Nilson acrescenta as ideias de Jeanne Boydston, que entende que existem exercícios de poder que prejudicam outros indivíduos, mas também existem aqueles que não o fazem (2008, p.563-564).

De mais a mais, optamos em seguir nossa pesquisa sob uma História Político-cultural, pois entendemos que o termo “cultural” abarca as diversidades presentes na Antiguidade Tardia, em que não se tem uma separação bem definida dos âmbitos políticos, religiosos e bélicos (Carvalho, 2010, p.22). Ou seja, faremos uso dessas definições para estabelecer que o poder do imperador coexiste com o da imperatriz sem que, necessariamente, sejam opostos ou excludentes. Concordamos com Nilson que o poder da imperatriz e do imperador não “são mutuamente restritivos da agência de um ou de outro” e acreditamos que se tem “diferentes graus de poder que podem ser exercidos em diversas áreas por uma relação política colegiada” (Nilson, 2011, p.15). Portanto, as ações político-culturais das mulheres imperiais que iremos demonstrar nesta pesquisa cumprem um papel importante na manutenção da Ordem Imperial.

Somado a isso, considerando que os indícios que temos dessas mulheres constam em textos que não são de sua própria autoria, entendemos que os autores que falaram delas imprimem suas visões particulares sobre elas, ou seja, são representações. Assim, fundamentamo-nos no livro *A História Cultural: entre práticas e representações*, de Roger

Chartier (2002). Chartier coloca que a História Cultural tem como “principal objectivo identificar o modo como em diferentes lugares e momentos, uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler” (Chartier, 2002, p. 16-17), ou seja, as documentações textuais que selecionamos refletem, em grande medida, os contextos dos seus autores. Com este conceito de representação, interpretaremos as imagens elaboradas por Juliano, Amiano Marcelino e Filostórgio sobre Eusébia e Constantina.

Ademais, apontamos em nossa hipótese o uso do termo Ordem Imperial e a definição deste é indispensável para nós. O artigo de Norberto Luiz Guarinello, *Ordem, integração e fronteiras no Império Romano. Um ensaio* (2010) nos ampara nesse processo. Sabemos que o Império Romano dos séculos IV e V é política, cultural e geograficamente complexo. Ele sofreu com as transformações internas e com as fronteiras territoriais e culturais externas, bem como passou por reconfigurações político-administrativas com o passar dos anos. Guarinello argumentou que a ordem imperial era composta pelas estruturas materiais, instituições, crenças, relações estabelecidas, tecnologias, conhecimentos, práticas cotidianas e assim por diante. Tratava-se de “um espaço de consenso assumido, de cooperação, mesmo em um ambiente altamente competitivo ou conflitivo.” (Guarinello, 2010, p. 119). De acordo com o historiador brasileiro, a ordem “impõe-se porque gera previsibilidade, porque define expectativas e porque confere posições aos membros da ordem, define-lhes o espaço de sua ação individual ou coletiva, suas trajetórias possíveis, seus projetos.” (Guarinello, 2010, p. 119). Assim, entendemos que essa ordem é fundamental para o funcionamento das estruturas imperiais, gerando certa estabilidade necessária para manter alguma coesão no amontoado de territórios e culturas que compunha o Império Romano.

Diante disso, localizamos nosso recorte temporal na Antiguidade Tardia. Essa periodização abrange um período de transição entre a Antiguidade e o Medievo, porém apresenta traços políticos e culturais próprios, característicos do intervalo do século III ao VIII E.C. Os historiadores do presente que estudam esse período não são unânimes com essa definição temporal. Geralmente, aqueles mais focados no estudo do mediterrâneo oriental, como Peter Brown e Averil Cameron, defendem uma “longa Antiguidade Tardia”, abarcando do século II ao VIII, considerando que as continuidades são mais fortes nessa região.

Concordamos com a periodização de Jean-Michel Carrié, que determina a Antiguidade Tardia no espaço do final do III século e início do VII E.C., no Império Romano Oriental. Também observamos que alguns autores de nossa bibliografia são adeptos à ideia de “crise do III século”. Concordamos com Jean-Michel Carrié de que a ideia de uma crise durante o III século acaba caindo em uma generalização. Reconhecemos a existência de alguns fenômenos

que podem ser considerados “crises localizadas”, porém, de forma alguma, houve uma grande crise que abarcou esse século todo e todo o território romano ao mesmo tempo, pois tal território era extenso e contava com inúmeras diversidades regionais e culturais. Apesar de algumas cidades sofrerem com os conflitos de sucessão imperial e as recessões econômicas em consequência disso, outras cidades estavam em pleno fervor, como exemplificado por Carrié em sua obra (Carrié, 1999).

Conforme mencionado no início de nossa introdução, optamos por documentações de gêneros textuais variados, ou seja, o discurso, a carta, as histórias, a história eclesiástica epitomada, que demandam tratamentos específicos. Entretanto, isso não nos impede de colocá-las em diálogo, por essa razão elaboraremos um catálogo com passagens dos documentos citados sobre nosso objeto de estudo. Desse modo, para realizarmos um exame crítico das nossas documentações e a confecção de nosso catálogo, propomos a aplicação do método de análise categorial inserida na análise de conteúdo, de Laurence Bardin (2002). Tal método consiste em um conjunto de técnicas mobilizadas a favor da compreensão dos diversos tipos de comunicação existentes. Ele inclui uma investigação detalhada dos objetos de estudo e que considera os fatores sociológicos, históricos e psicológicos partícipes do contexto de produção da obra em questão (Bardin, 2016).

Com esse mesmo intuito, recorreremos à análise de discurso de Dominique Maingueneau (1997) visando à importância do contexto das nossas documentações e, mesmo diante da pluralidade de gêneros textuais, é possível traçarmos vínculos de intertextualidade entre as obras analisadas. Elas exprimem os ideais defendidos pelos seus autores, seja explícita ou implicitamente. Isso significa que esses textos são o resultado da soma do contexto político, cultural, social e espacial dos seus redatores. Devemos ter em mente as intenções de cada um dos autores que estudamos: Juliano escreveu os seus panegíricos com o desígnio de recuperar a confiança de Constâncio II ao demonstrar a sua fidelidade; esse mesmo autor escreveu a Carta ao Senado e ao Povo de Atenas para legitimar sua aclamação como imperador; Amiano Marcelino buscou escrever uma história do Império Romano, o que demonstra um desejo de perpetuar a sua visão dos acontecimentos descritos; e Filostórgio quis disseminar a sua perspectiva acerca da história eclesiástica.

Tudo isso, aliado ao que foi instruído por Pedro Paulo Abreu Funari em relação ao estudo das documentações textuais. Funari recomendou, em seu livro *Antiguidade Clássica: A História e a Cultura a partir dos documentos* (2003), que esta análise seguisse os procedimentos já conhecidos pelos historiadores: a crítica interna e externa da documentação. Tal procedimento consiste na observação de aspectos como a tipologia das fontes (se é epístola,

legislativa, panegírico, etc), o local e a data em que foi produzida, estilo da escrita, além do contexto histórico específico em que se inserem a obra e seu autor (Funari, 2003, p. 26-27).

Em relação às outras mulheres Imperiais romanas aqui estudadas, se as compararmos com Helena Augusta e Pulquéria, veremos que tanto Eusébia quanto Constantina ainda são pouco pesquisadas nas línguas às quais temos acesso (inglês, francês, italiano, espanhol e português). Dentre capítulos e artigos localizados, a figura de Eusébia tem vantagem quantitativa em relação à Constantina, mesmo que as ações de ambas sejam igualmente notáveis. A seguir, realizaremos uma breve apresentação da historiografia acerca dessas mulheres políticas.

Noël Aujoulat é o autor dos dois artigos mais antigos que encontramos que têm Eusébia como um de seus temas principais. Referimo-nos a *Eusébie, Hélène et Julien I: Le Témoignage de Julien* (1983a) e *Eusébie, Hélène et Julien II: Le Témoignage des Historiens* (1983b). Considerando a época de sua escrita, tais artigos apresentam uma visão desatualizada de Eusébia enquanto mulher. Todavia, esses textos foram de extrema importância para o nosso estudo em razão dos dados que fornecem e, também, porque serviram como referência bibliográfica para os outros autores que escreveram sobre essa imperatriz.

Pietas and Politics: Eusebia and Constantius at Court (1999), de Jason Juneau, também faz parte de nossa bibliografia e representa, assim como os artigos de Aujoulat, uma visão desatualizada. No caso, Juneau transmitiu uma Eusébia passiva que só agia por ordens do marido, Constâncio II, perspectiva superada e que intencionamos problematizar. Outra autora com um ponto de vista um pouco problemático é Elisabet Seijo Ibáñez, em *Benevolencia imperial: el agradecimiento de Juliano a la emperatriz Eusebia* (2018), no qual apresentou Eusébia de forma semelhante aos dois autores citados; no entanto, a autora denotou menos passividade na sua descrição da relação de Eusébia com Juliano. Demonstraremos nossa visão oposta a esses autores no terceiro capítulo desta dissertação.

Shaun Tougher, um especialista em dinastia Constantiniana, foi o autor que mais escreveu sobre Eusébia ao qual tivemos acesso, embora seu enfoque seja na documentação que a cita, como as obras de Juliano e Amiano Marcelino. Esse autor escreveu o artigo *Ammianus Marcellinus on the Empress Eusebia: a Split Personality?* (2000), no qual analisou a imagem contraditória de Eusébia na obra de Amiano Marcelino. Outra obra de sua autoria foi o capítulo de livro denominado *In Praise of an Empress: Julian's Speech of Thanks to Eusebia* (1998a), no qual se dedicou ao estudo do conteúdo do panegírico redigido por Juliano para a imperatriz.

O trabalho mais recente de Tougher sobre a Imperatriz foi o capítulo *Eusebia and Eusebius: The Roles and Significance of Constantinian Imperial Women and Court Eunuchs*

(2020). Neste texto, o autor partiu da investigação da afirmação de Amiano Marcelino de que a corte de Constâncio II era dominada por mulheres e eunucos. Nesse sentido, Tougher destacou os eunucos Eusébio e Eutério e as imperatrizes Helena, mãe de Constantino I, e Eusébia. O escopo de Tougher foi comparar o poder das mulheres imperiais e dos eunucos que compuseram as cortes constantinianas com as ações de outros personagens pertencentes aos governos seguintes, exemplificados na figura de Pulquéria e do eunuco Eutrópio, ambos da Dinastia Teodosiana.

Ao nos apresentar três importantes mulheres da dinastia Constantiniana (Helena, mãe de Constantino I, Fausta e Eusébia), no artigo *Mujeres Imperiales em la domus Constantiniana* (2004), Manuel Rodríguez Gervás comentou brevemente algumas das suas interferências nos assuntos políticos do Império Romano. Helena foi nomeada Augusta pelo seu filho, que também lhe concedeu certa autoridade enquanto ela residiu em Roma. Fausta foi a segunda esposa de Constantino I e parece ter sofrido *damnatio memoriae*, ou seja, registros escritos relativos a ela e às representações da cultura material aparentam ter sido suprimidos ou destruídos. Isso porque ela teria sido associada à execução de Crispo, filho de Constantino I e sua primeira esposa, Minervina. Porém, os autores antigos e contemporâneos que comentaram o sucedido têm versões divergentes. Quanto à Eusébia, Rodríguez Gervás apresentou algumas das suas ações políticas ligadas a Juliano, as quais foram expostas anteriormente. Nossa proposta se aproxima da dele, porém o seu autor não se aprofundou nas atuações políticas dessas mulheres e não tocou nas suas interferências culturais. O seu objetivo, diferentemente do nosso, foi divulgar a existência delas e apontar a sua relevância histórica como um incentivo para o desenvolvimento de novas pesquisas.

A filóloga Maria Pilar García Ruiz tem se destacado ao analisar as autorrepresentações de imperadores da Antiguidade Tardia através de uma perspectiva literária e histórica, por meio de produções textuais, como panegíricos, em comparação com elementos da cultura material, como a numismática. Dentre suas obras, destacamos três artigos em que ela analisa a visão de Amiano Marcelino e de Juliano em relação a Eusébia, com dados interessantes sobre a estrutura dessas obras: *Eusebia vista por Amiano: um retrato entre líneas* (2008), *O Significado de σωφροσύνη (αὐτή) en el Encomio a Eusebia de Juliano* (2012) e *Una Lectura conjunta del primer encomio a Constancio y el encomio a Eusebia de Juliano* (2015).

Também da área da filologia, citamos Elena Redondo Moyano que estudou os panegíricos de Juliano no seu artigo *Encomio de personajes femeninos: Elogio de la emperatriz Eusebia de Juliano el Apóstata* (2009). Essa autora discutiu a estrutura do panegírico e

comentou as adaptações escolhidas e efetuadas por Juliano ao dedicar um discurso desse gênero a uma mulher.

Em seu artigo *Ammianus, and the Death of the Empress Eusebia* (2018), David Woods empreendeu um estudo cuidadoso e inédito das questões circundantes à morte da imperatriz, levantando as suspeitas de um assassinato por uma mulher da corte e mostrando possíveis evidências nas documentações textuais, principalmente na obra de Amiano Marcelino. Outro texto a ser realçado é *Diecezja Pietas* (2019) de Łukasz Smorczewski, que trata sobre a renomeação por Constâncio II da diocese do Ponto como diocese de Pietas em homenagem à Eusébia.

Quando estávamos finalizando a escrita desta dissertação, deparamo-nos com o capítulo de Silvia Holm sobre Eusébia cujo título é *Eusebia's Efforts to Consolidate the Constantinian Dynasty* (2024), que faz parte da Coletânea *Emperresses-in-waiting: Female power and performance at the late roman court* (2024), organizada por Christian Rollinger e Nadine Vierman. Em seu capítulo, Holm sugeriu que a referida Imperatriz atuou em prol do fortalecimento da dinastia Constantiniana da qual ela passara a fazer parte através do casamento com Constâncio II.

No que tange à única obra do nosso levantamento bibliográfico a que tivemos acesso que se debruçou especificamente sobre Constantina foi o capítulo de Francisco Javier Guzmán Armario, intitulado *Una auténtica furia hecha mujer (Amm. 14, 1, 2). Constantina en el ejercicio del poder del César Galo (351- 353 d.C.)* (2018). Esse autor estudou a imagem negativa que Amiano Marcelino construiu de Constantina no seu livro XIV, ao associá-la às ações políticas do seu segundo marido, Galo. Tomamos conhecimento do artigo de Bruno Bleckmann acerca de Constantina e sua relação com a usurpação de Vetrânio e com o marido dela, Galo, cujo título é *Constantina, Vetrano, and Gallus Caesar* (1994). Tal artigo é bastante referenciado pelos autores de nossa bibliografia; no entanto, encontra-se escrito apenas em alemão, língua que não dominamos, e a compreensão através de programas de tradução é bastante prejudicada. Mesmo assim, achamos importante citá-lo.

Já na perspectiva arqueológica, alguns trabalhos estudam o complexo de Santa Agnes e o Mausoléu de Constantina, focando em suas estruturas arquitetônicas e nos adornos sobreviventes em suas paredes e tetos. É o que fez Virginia Burros no capítulo *Remembering Constantina at the Tomb of Agnes and Beyond*, que faz parte da coletânea organizada por Young Richard Kim e A. E. T MCLAUGHLIN, *Leadership and Community in Late Antiquity Essays in Honour of Raymond Van Dam* (2020). Além disso, como a vida de Constantina inspirou textos hagiográficos e lendas cristãs medievais, esse aspecto é abordado por estudiosos do

período medieval, como o capítulo da já mencionada Virginia Burros, *An Unstable Heroine: The Life and Lives of Constantina*, que compõe a coletânea *Constructing Saints in Greek and Latin Hagiography. Heroes and Heroines in Late Antique and Medieval Narrative* (2023) de Koen Temmerman, Julie Van Pelt e Klariza Staat. No entanto, tais estudos não são relevantes para a pesquisa que desenvolvemos ao se distanciarem do recorte temporal e da área de conhecimento que nos propomos a analisar.

No mais, Constantina é comentada no capítulo de John Vanderspoel, *From the Tetrarchy to the Constantinian Dynasty: A Narrative Introduction* (2020), em que o autor fez um panorama geral sobre essa dinastia. Ela foi igualmente mencionada no capítulo de Leslie Brubaker, *Memories of Helena: Patterns in imperial female matron age in the fourth and fifth centuries* (1997). Ambos os textos apontam sobre a ascensão da mãe do Imperador Constantino, Helena, como modelo de matrona para as futuras gerações de mulheres imperiais.

Por fim, citamos dois capítulos que trabalharam com as mulheres da Dinastia Constantiniana no geral: em *Ghosts in the Machine: The Lives and Deaths of Constantinian Imperial Women* (2013), Liz James expôs os fatos conhecidos sobre as mortes das mulheres constantinianas; e, no capítulo *Empresses' Tale, AD 300–360* (2014), Jill Harries descreveu um conjunto das mulheres imperiais da Dinastia Constantiniana, incluindo Eusébia e Constantina. Essas foram algumas das obras basilares para essa dissertação. As demais obras utilizadas serão devidamente citadas ao longo do texto e em nossas referências bibliográficas.

A seguir, comentaremos sobre a estruturação preliminar dessa Dissertação. Após a exposição do tema, dos objetivos, dos aspectos teóricos metodológicos e da hipótese deste trabalho nesta introdução, o primeiro capítulo consistirá no tratamento documental, discussão bibliográfica e dados biográficos dos autores por nós selecionados (Juliano, Amiano Marcelino e Filostórgio). No segundo capítulo, trataremos da contextualização histórica do século IV, com um breve recuo ao período da Tetrarquia, de alguns comentários sobre o governo de Constantino e sobre o governo compartilhado de seus filhos até o início dos governos solo de Constâncio II. No terceiro capítulo, demonstraremos as ações político-culturais Constantina e Eusébia e a construção da imagem delas pelos autores da antiguidade, assim como seus papéis políticos ao intervirem junto aos usurpadores que se rebelaram contra o Imperador Constâncio II. Em adição, o catálogo das passagens que se referem às mulheres imperiais em questão destacadas da documentação textual selecionada encontra-se no apêndice. Por último, nas Considerações finais, ressaltaremos as conclusões desta pesquisa, assim como sugeriremos uma hipótese de pesquisa para o nosso Doutorado.

Considerações Finais

Nesta pesquisa, propusemo-nos a estudar as ações político-culturais de duas mulheres imperiais, a Imperatriz Eusébia, segunda esposa de Constâncio II, e Constantina, irmã desse imperador. Nesse sentido, situamos nosso recorte temporal no IV século d.C., pertencente à Antiguidade Tardia, período dos governos de Juliano César e do Imperador Constâncio II. Para realizar tal empreendimento, selecionamos as documentações textuais: o *Panegírico em Honra à Imperatriz Eusébia* e *Carta ao Senado e ao povo de Atenas*, de Juliano (331-363d.C.), *Res Gestae* (Livros XIV-XXI), de Amiano Marcelino (325-391 d.C.) e *História Eclesiástica*, de Filostórgio (368-439 d.C.).

Refletimos que, embora o nosso acesso ao conhecimento profundo sobre as vidas das mulheres imperiais seja, na maior parte das vezes, escasso, os fragmentos sobre elas que encontramos nas documentações possibilita ter um vislumbre do poder que elas exerceram além da esfera privada. Elas tinham atuação pública importante, e, mesmo que não oficialmente, eram necessárias na manutenção do poder do imperador e na ordem imperial. Elas tinham parte no exercício da autoridade imperial, como Constantina o fez na nomeação de Vetrânio, ou Eusébia na de Juliano, por exemplo.

Notamos, ao longo de nossa investigação, uma proliferação de estudos sobre as mulheres na Antiguidade Tardia observada nos últimos 10 anos, e, nos últimos 5 anos, parece que tais estudos têm crescido ainda mais. Enfatizamos essa importância em razão das novas informações e interpretações que enriquecem o mundo acadêmico. Devemos muito a autores como Shaun Tougher, Julia Hillner, Keneth Holum, Elizabeth James, Jill Harries, entre outros que citamos nesta dissertação, que deram força a esse movimento de pesquisas. Porém algumas de suas interpretações sobre as mulheres antigas precisam ser atualizadas, e esse fenômeno vem ocorrendo. Estudos recentes, como muitos que utilizamos nesta dissertação e tantos outros que não nos eram relevantes no momento, perceberam que a agência feminina em vários âmbitos das sociedades antigas é muito maior do que se pensava anteriormente. Além do papel de mães, esposas, filhas e irmãs, as mulheres imperiais interferiram ativamente em questões do governo imperial: geravam herdeiros, apontavam sucessores, mas também faziam alianças que as beneficiassem e aos seus, governaram até como regentes. Essas mulheres, em muitos casos, souberam aproveitar as vantagens que a proximidade ao poder e às riquezas lhes proporcionava.

A participação de Eusébia nas *Res Gestae* de Amiano Marcelino e nas obras de outros autores se refere ao episódio em que ela convenceu o imperador a permitir que Juliano se defendesse das acusações de conspirar contra o poder imperial com seu meio-irmão Galo, sendo uma mediadora entre as partes, além de, posteriormente, em oposição à corte, ter apoiado a indicação de Juliano como César para resolver a questão das fronteiras da região da Gália. Ela também aparece em Amiano Marcelino como a culpada pela falta de descendência do Imperador Juliano ao ter mandado matar o filho recém-nascido dele e ter impedido gestações futuras ao administrar poções contra sua esposa Helena. Todavia, se Juliano se pronunciou sobre o assunto, esses escritos não chegaram aos nossos dias.

Tanto no panegírico quanto nas *Res Gestae*, podemos observar a influência da Imperatriz sobre as decisões imperiais, assim como seu incentivo à clemência do imperador e o benefício que ela concedia àqueles que eram próximos a ela, como seus irmãos Eusébio e Hipácio. Juliano nos apresenta Eusébia como o ideal de uma imperatriz. Em seu panegírico, ele elogia “sua prudência e justiça, ou sua doçura e moderação, ou seu amor ao marido, ou sua liberalidade, ou sua maneira de honrar seus íntimos e parentes.” (Jul. Or. III, 106a-b). Assim como demonstra sua gratidão por tê-lo ajudado várias vezes, como já citamos. Inclusive, ele parece ter mantido sua estima a ela ao escrever a *Carta ao Senado e ao Povo de Atenas*, mesmo que o discurso tenha sido produzido com o objetivo de difamar Constâncio II.

Já na *História Eclesiástica* de Filostórgio, além de aparecer como a esposa de Constâncio II e a benfeitora de Juliano, a Imperatriz aparece como uma das partes envolvidas em uma querela com um bispo. Filostórgio também contou que, afetada pela sua infertilidade, ela convenceu o marido a chamar do exílio o bispo ariano Teófilo, com o intuito deste tratá-la com o seu toque curativo.

Por sua vez, Constantina foi casada em primeiras núpcias com seu primo Hanibaliano, assassinado junto com outros parentes, provavelmente, por seu irmão Constâncio II em 337. A então viúva passou a viver na cidade de Roma, dando continuidade ao trabalho de sua avó como patronesse cristã. A partir de 350, Constantina atuou como uma agente diplomática de Constâncio II durante as usurpações que ocorreram naquele ano. Em 352, ela se casou com Galo, recém apontado como César de Constâncio II. Logo depois, foram enviados à Antioquia a mando desse imperador. Nos relatos de Amiano Marcelino, um antioquiano, Constantina aparece como a instigadora das crueldades de Galo contra as elites dessa cidade, além de outras más ações do César. Para Filostórgio, ela é bem menos terrível em comparação com Amiano. Além disso, o historiador eclesiástico a mostra como uma mulher proativa ao defender seu segundo marido daqueles que queriam sua queda.

Independentemente das visões negativas ou positivas sobre essas mulheres, é notável que os feitos delas repercutiram a ponto de serem registrados nos textos de autores que dificilmente dedicam espaço para falar sobre mulheres. Constantina e Eusébia chamaram atenção significativa no contexto em que viveram, o que demonstra as possibilidades de atuação política e cultural das mulheres imperiais da Dinastia Constantiniana. Por mais que autores que mencionam as mulheres imperiais tenham seus vieses e motivações para tal, muitas vezes deturpando os fatos sobre elas, o estudo das mulheres imperiais não deve ser negligenciado. As mulheres imperiais da corte de Constâncio II e de Juliano César não foram meras figuras decorativas. Elas exerciam de fato o poder e a influência que a posição privilegiada lhes proporcionava. Isso demonstra que o papel feminino na política romana era complexo e significativo no século IV. Elas eram mais do que consortes, eram conselheiras do imperador e influenciadoras. As mulheres imperiais utilizavam suas conexões para moldar alianças que fossem benéficas para si e para a casa imperial e influenciar decisões do imperador. Assim, as mulheres imperiais poderiam desempenhar o papel de mantenedoras da ordem imperial, mesmo que não ocupassem cargos político-administrativos definidos. Com isso, elas poderiam intervir tanto nos

assuntos externos do império Romano, como no tocante aos seus assuntos internos: problemas relacionados às fronteiras, usurpações e temas político-religiosos.

REFEÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Documentação textual

AMMIANUS MARCELLINUS. **History**. Tradução de John C. Rolfe. London: Harvard University Press, v.1, 1935. (Loeb Classical Library, 300).

AMMIANUS MARCELLINUS. **History**. Translated by John C. Rolfe. London: Harvard University Press, v. 2, 1940. (Loeb Classical Library, 315).

AMIANO MARCELINO. **Historias**. Traducción y notas de Carmen Castillo García, Concepción Alonso del Real Montes e Álvaro Sánchez-Ostiz Gutiérrez. Barcelona: Editorial Gredos, 2010. (Biblioteca Clásica Gredos, 385).

JULIAN. **Letters**. Epigrams. Against the Galilaeans. Fragments. With an English translation by W. C. Wright. Cambridge: Harvard University Press, 1923. (Loeb Classical Library, 157).

JULIAN. **Orations I – V**. With an English translation by W. C. Wright. Cambridge: Harvard University Press, 1913a. (Loeb Classical Library, 13).

JULIAN. **Orations VI – VIII**. Letters to Themistius, To the Senate and People of Athens, To a Priest. The Caesars. Misopogon. With an English translation by W. C. Wright. Cambridge: Harvard University Press, 1913b. (Loeb Classical Library, 29).

JULIANO. **Discursos I – V**. Introducción, traducción y notas por José García Blanco. Madrid: Editorial Gredos, 1979. (Biblioteca Clásica Gredos, 17).

JULIANO. **Discursos VI – XII**. Introducción, traducción y notas por José García Blanco. Madrid: Editorial Gredos, 1982. (Biblioteca Clásica Gredos, 45). 22

JULIEN. **Oeuvres Complètes**: discours de Julien César (I – V). 3 ed. Texte établi et traduit par Joseph Bidez. Paris: Les Belles Lettres, t. 1, p. 1, 2003a.

JULIEN. **Oeuvres Complètes**: discours de Julien Empereur (VI – IX). A Thémistius – Contre Héracléios le Cynique. Sur la Mère des Dieux. Contre les cyniques ignorants. 2 ed. Texte établi et traduit par Gabriel Rochefort. Paris: Les Belles Lettres, t. 2, p. 1, 2003b.

JULIEN. **Oeuvres Complètes**: discours de Julien Empereur (X – XII). Les Césars. Sur Hélios-Roi, Le Misopogon. 2 ed. Texte établi et traduit par Christian Lacombrade. Paris: Les Belles Lettres, t. 2, p. 2, 2003c.

JULIEN. **Oeuvres Complètes**: lettres et fragments. 5 ed. Texte établi et traduit par Joseph Bidez. Paris: Les Belles Lettres, t. 1, p. 2, 2004.

PHILOSTORGE. **Histoire Ecclésiastique**. Traduction de Édouard des Places; Introduction, révision de la traduction, notes et index de Bruno Bleckmann, Doris Meyer et Jean-Marc Prieur. Les Éditions du Cerf, 2013.

PHILOSTORGIUS. **Church History**. Translated with an Introduction and notes by Philip R. Amidon, S. J. Leiden; Boston: Brill, 2007. IX. II.

Obras de referência

JONES, Arnold Hugh Martin; MARTINDALE, John Robert; MORRIS, John (orgs.). *The prosopography of the Later Roman Empire*. London: Cambridge University Press, v. 1, 1971.

Obras gerais

ALBRECHT, Michael von. **Historia de la Literatura Romana**. Barcelona: Herder, v. 2, 1994.

AMERISE, Marilena. Filostorgio e la morte di Costantino il Grande Author(s). **Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte**. 2006, vol. 55, n. 4, p. 328-343. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/4436824>. Acesso em: 05 mai 2023.

AMIDON, Philip R. Introduction. In: **PHILOSTORGIUS. Church History**. Translated with an Introduction and notes by Philip R. Amidon, S. J. Leiden; Boston: Brill, 2007, p. xiii-xxv.

ANTIQUEIRA, Moisés. A abdicação de Vetranião (350 d.C.) e os resquícios do modelo Tetrárquico. **História (São Paulo)** v.37, 2018.

Antti Arjava, *Women and Law in Late Antiquity* (Oxford: Clarendon Press, 1996)

ATHANASSIADI, Polymnia. **Julian: An intellectual Biography**. London; New York: Routledge, 1992.

AUJOULAT, N. **Eusébie, Hélène et Julien II: le témoignage des Historiens**. Byzantion, Lovaina, v. 53, n. 2, p. 421–452, 1983b.

AUJOULAT, Noël. **Eusébie, Hélène et Julien I: le témoignage de Julien**. Byzantion, Lovaina, v. 53, n. 1, p. 78–103, 1983a.

BAKER-BRIAN, Nicholas. **The Reign of Constantius II**. London: Routledge, 2022

BAKER-BRIAN, Nicholas; TOUGHER, Shaun. (eds.). **Emperor and Author: The Writings of Julian the Apostate**. Swansea: The Classical Press of Wales, 2012.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2002.

BARNES, Timothy D. **Ammianus Marcellinus and the Representation of Historical Reality**. Ithaca; London: Cornell University Press, 1998.

BARNES, Timothy D. **Athanasius and Constantius**. Theology and politics in the Constantinian Empire. Cambridge, MA/London: Harvard University Press, 1993.

BARRY, J. **Bishops in flight: exile and displacement in late antiquity**. Oakland University Of California Press, 2019.

BIDEZ, Joseph. (1930). **La vie de l'Empereur Julien**. 3. ed. Paris: Les Belles Lettres, 2012.

BIDEZ, Joseph; HESELER, P. “Fragments Nouveaux de Philostorge sur la Vie De Constantin.” **Byzantion** 10, no. 2 (1935): 403–42.

Bleckmann, Bruno, 'Constantina, Vetrano, and Gallus Caesar', *Chiron*, 24 (1994), 29–68

BLECKMANN, Bruno. From Caesar to Augustus: Julian against Constantius. In.: REBENICH, Stefan; WIEMER, Hans-Ulrich. **A Companion to Julian the Apostate**. Brill, 2020

BOWERSOCK, G. B. **Fiction as History**. Nero to Julian. Berkeley and Los Angeles, 1993, esp. pp. 1-27.

BOWERSOCK, Glen Warren. **Julian the Apostate**. Cambridge; Massachusetts: Harvard University Press, 1978.

BOWMAN, Alan K. Diocletian and the first tetrarchy, a.d. 284–305. In.: BOWMAN, Alan K.; GARNSEY, Peter; CAMERON, Averil. *The Cambridge Ancient History, Volume XII, The Crisis of Empire, a.d. 193–337*. Cambridge University Press, UK, 2005, p.67-89.

BRADBURY, Scott. **Selected Letters of Libanius**: From the Age of Constantius and Julian. Liverpool: Liverpool University Press, 2004.

BRAUND, Susanna Morton. Praise and Protreptic in Early Imperial Panegyric: Cicero, Seneca, Pliny. In: WHITBY, Mary (ed.). **The Propaganda of Power: The Role of Panegyric in Late Antiquity**. Leiden; Boston: Brill, 1998, p. 53-76.

Britannica, T. Editors of Encyclopaedia. "Magnentius." *Encyclopedia Britannica*, March 25, 2024. <https://www.britannica.com/biography/Magnentius>.

BROWN, P. **The world of late Antiquity**: from Marcus Aurelius to Muhammad. Londres: Thames and Hudson, 1971.

BROWN, Peter. **Power and Persuasion in Late Antiquity: Towards a Christian Empire**. Madison: University of Wisconsin Press, 1992.

BROWN, Peter. **Through the eye of a needle**: wealth, the fall of Rome, and the making of Christianity in the West, 350-550 AD. Princeton: University Press, 2012.

BRUBAKER, L.; TOBLER, H. **The Gender of Money**: Byzantine Empresses on Coins (324–802). *Gender and History* 12,2000, p. 572–94.

BRUBAKER, Leslie. Memories of Helena: Patterns in imperial female matron age in the fourth and fifth centuries. In: JAMES, Liz (ed.). **Women, Men and Eunuchs: Gender in Byzantium**. London; New York, 1997, p. 52-84.

BURGESS, R. W. THE SUMMER OF BLOOD: The 'Great Massacre' of 337 and the Promotion of the Sons of Constantine." **Dumbarton Oaks Papers**, vol. 62, 2008, pp. 5–51.

BURGESS, Richard W. **The Passio S. Artemij, Philostorgius, And The Dates Of The Invention And Translations Of The Relics Of Sts Andrew And Luke**. *Analecta Bollandiana*, 121, 2003, p. 5-36.

BURKE, Peter (org.). **A escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo: Editora Unesp, 1992.

BURRUS, Virginia. An Unstable Heroine: The Life and Lives of Constantina. In: TEMMERMAN, Koen de; VAN PELT, Julie; STAAT, Klazina. **Constructing Saints in**

Greek and Latin Hagiography. Heroes and Heroines in Late Antique and Medieval Narrative. Turnhout: Brepols, 2023. 157-172

BURRUS, Virginia. Remembering Constantina at the Tomb of Agnes and Beyond. In: KIM, Young Richard; MCLAUGHLIN, A. E. T. **Leadership and Community in Late Antiquity** Essays in Honour of Raymond Van Dam. Brepols, 2020.

BUSCH, Anja. Praise and Polemics. Theodosian Empresses and their Contemporaries. In.: Nachleben / Markus Vinzent (aut.), Mattia Cosimo Chiriatti (aut.), Damaskinos Olkinuora (aut.). Papers presented at the Eighteenth International Conference on Patristic Studies held in Oxford 2019: Volume 27: From the Fifth Century Onwards (Latin Writers); **Female Power and its Propaganda.** Theologizing Performance in the Byzantine Tradition. 2021, p. 197-214.

CAMERON, Averil. The “Long” Late Antiquity: A Late Twentieth-Century Model. In.: WISEMAN, T. P. (ed.). **Classics in Progress:** Essays on Ancient Greece and Rome. Oxford/New York: Oxford University Press, 2002, p. 165-191.

CAMERON, Averil. **The Later Roman Empire, AD 284 – 430.** Cambridge; Massachusetts: Harvard University Press, 1993.

CAMERON, Averil. The reign of Constantine, A.D. 307-337. In: BOWMAN, Alan K.; GARNSEY, Peter; CAMERON, Averil (orgs.). **The Cambridge Ancient History.** Cambridge: University Press, v. 12, 2005, p. 90-108.

CAMERON, Averil; GARNSEY, Peter (orgs.). **The Cambridge Ancient History.** Cambridge: University Press, v. 13, 2008.

CAMERON, Averil; KUHRT, Amélie (eds.). **Images of Women in Antiquity.** 2ª ed. London; New York: Routledge, 2013.

CARVALHO, Margarida Maria de. História, presságios memoráveis e a morte do Imperador Juliano na obra de Amiano Marcelino (390 – 392 d.C.). **História (São Paulo)**, São Paulo, v. 39, p. 1-18, 2020.

CARVALHO, Margarida Maria de. **Paidéia e Retórica no século IV d.C.: A construção da imagem do Imperador Juliano segundo Gregório de Nazianzeno.** São Paulo: Annablume, 2010.

CARVALHO, Margarida Maria de; GONÇALVES, Bruna Campos. Amiano Marcelino e os construtos identitários nos relatos sobre os Imperadores Militares: Juliano, Joviano e Valentiniano I (361-375 d.C.). In: CARVALHO, Margarida Maria de; FUNARI, Pedro Paulo Abreu; CARLAN, Cláudio Umpierre; SILVA, Érica Cristhyane Morais da (orgs.). **História Militar do Mundo Antigo:** Guerras e Identidades. São Paulo: Annablume, 2012, p. 178-194.

CASINOS MORA, F. Javier. El dualismo autoridade-potestad como fundamento de la organización y del pensamiento políticos de Roma. **Polis**, 1999, n.11, p. 85-109.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações.** Lisboa: Difusão Editorial, 2002.

CHASTAGNOL, André. **Les Fastes de la Préfecture de Rome au Bas-Empire.** Paris: Nouvelles Éditions latines 1962.

CHEN, Anne Hunnell. Omitted Empresses: The (Non-)Role of Imperial Women in Tetrarchic Propaganda. **Journal of Late Antiquity**, vol. 11 no. 1, 2018, p. 42-82.

COOPER, Kate. Property, power, and conflict: re-thinking the Constantinian Revolution. In: COOPER, Kate; LEYSER, Conrad. **Making Early Medieval Societies Conflict and Belonging in the Latin West, 300–1200**. Cambridge: Cambridge University Press, 2016.

COOPER, Kate. **Queens of a fallen world: the lost women of Augustine's Confessions**. Basic Books, 2023.

COOPER, Kate. **Queens of Fallen World: The Lost Women of Augustine's Confessions**. New York: Basic Books, 2023.

CRAWFORD, Peter. **Constantius II – Usurpers, Eunuchs and Antichrist**. Barnsley: Pens and Sword books, 2016.

CURRAN, J. **Pagan City and Christian Capital. Rome in the Fourth Century**. Oxford: Oxford University Press, 2000.

Dearn, A. The Coinage of Vetrano: Imperial Representation and the Memory of Constantine the Great. **The Numismatic Chronicle**, 163 (2003):

DILLER, Aubrey. Photius' "Bibliotheca" in Byzantine Literature. **Dumbarton Oaks Papers**, Vol. 16 (1962), pp. 389-396

DIRSCHLMAYER, Michaela. Women in the Family of Constantine. In: CARNEY, Elizabeth; MULLER, Sabine. (editors). **The Routledge Companion to women and Monarchy in the Ancient Mediterranean world**. London: Routledge, 2020, p.463-476.

DOMINGO, R. El binomio "auctoritas-potestas" en el Derecho romano y moderno. **Persona y Derecho**, n. 37, p. 183-195, 11.

DRIJVERS, Jan Willem. **Helena Augusta**. BRILL, 1992.

DRIJVERS, Jan Willem; HUNT, David (eds.). **The Late Roman World and its Historian: interpreting Ammianus Marcellinus**. London: Taylor & Francis e-Library, 2005.

DRINKWATER, John F. The Revolt and Ethnic Origin of the Usurper Magnentius (350–353), and the Rebellion of Vetrano (350). **Chiron. Mitteilungen der Kommission für Alte Geschichte und Epigraphik des Deutschen Archäologischen Instituts**, 30, 2017, 131–159.

ELM, Susanna. **Sons of Helenism Fathers of the Church. Emperor Julian, Gregory of Nazianzus, and the Vision of The Rome**. Berkeley; Los Angeles; London: University of California Press, 2012.

ELM, Susanna. The Letter Collection of the Emperor Julian. In: SOGNO, Cristina; STORIN, Bradley K.; WATTS, Edward. **Late Antique Letter Collections: A Critical Introduction and Reference Guide**. University of California Press, 2017.

EMION, Maxime. Ammianus and the dignitas protectoris. In: HANAGHAN, Michael; WOODS, David. **Ammianus Marcellinus from Soldier to Author**. 1. ed. London: Brill, 2022.

EMIRBAYER, M.; MISCHÉ, A. What Is Agency?. *American Journal of Sociology*, 103 (1998): 962-1023.

ENTRINGER, Giovanna. **Violência e intolerância sob o governo de Constâncio II: As implicações sociopolíticas do arianismo**. 2009. 125f. Dissertação (Mestrado em História Social das Relações Políticas) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2009.

FEISSEL, D. **Recueil des inscriptions chrétiennes de Macédoine du III^e au VI^e siècle**. (Paris 1983), Disponível em:
https://cefael.efa.gr/window.php?site_id=1&actionID=summary&serie_id=BCHSuppl&volume_number=8

FERGUSON, Ferguson. **The Past Is Prologue: The Revolution of Nicene Historiography**. Leiden: Brill, 2005)

FLOWER, Richard. **Emperors and Bishops in Late Roman Invective**. Cambridge. Cambridge University Press, 2013.

FORNARA, Charles W. Studies in Ammianus Marcellinus: I: The Letter of Libanius and Ammianus' Connection with Antioch." *Historia: Zeitschrift Für Alte Geschichte* 41, no. 3 (1992a): 328–44. <http://www.jstor.org/stable/4436250>.

FORNARA, Charles W. Studies in Ammianus Marcellinus: II: Ammianus' Knowledge and Use of Greek and Latin Literature. *Historia: Zeitschrift Für Alte Geschichte*, 41, no. 4 (1992b): 420–38. <http://www.jstor.org/stable/4436260>.

FRAKES, R. M. The Dynasty of Constantine Down to 363. In.: LENSKI, Noel (editor). **The Cambridge Companion to The Age of Constantine**. Cambridge University Press, 2006.

FRIGHETTO, Renan. **A Antiguidade Tardia: Roma e as monarquias romano-bárbaras numa época de transformações (Séculos II – VIII)**. Curitiba: Juruá, 2012.

FRIGHETTO, Renan. **Cultura e Poder na Antiguidade Tardia Ocidental**. Curitiba: Juruá, 2000.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu. **Antiguidade Clássica: A História e a Cultura a partir dos documentos**. Campinas: Editora Unicamp, 2003.

GALVÃO-SOBRINHO, Carlos R. **Doctrine and Power**. Theological Controversy and Christian Leadership in the Later Roman Empire. Berkeley; Los Angeles; London: University of California Press, 2013.

GARCIA RUIZ, M. P. Una Lectura conjunta del primer encomio a Constancio y el encomio a Eusebia de Juliano. *Exemplaria classica. Journal of Classical Philology*, Madrid, n. 19, p. 155-173, 2015.

GARCIA RUIZ, M. P. Significado de σωφροσύνη (αὐτή) en el Encomio a Eusebia de Juliano. *Emerita*, Madrid, n. 80, p. 69-87, 2012.

GARCÍA RUIZ, Maria Pilar. Eusebia vista por Amiano: um retrato entre líneas. Cuadernos de Filología Clásica. **Estudios Latinos**, Madrid, 2008, v. 28, n. 2, p. 49-64.

GIARDINA, Andrea. Esplosione di tardoantico. **Studi Storici. Roma**, n. 40, 1999, p. 157-180.

GONÇALVES, Bruna Campos. Amiano Marcelino e sua obra *Res Gestae*: tratamento documental e os livros XXV, XXVI e XXVII. In: **Anais XXIII Semana de Estudos Clássicos**, Araraquara, 2008, p. 95-102.

GRANT, Michael. **Greek and Roman Historians. Information and misinformation**. London; New York: Routledge, 2005.

GUARINELLO, Norberto Luiz. Ordem, integração e fronteiras no Império Romano. Um ensaio. **Mare Nostrum**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 113-127, 2010.

GUZMÁN ARMARIO, Francisco Javier. Una auténtica furia hecha mujer (Amm. Marc. 14, 1, 2). Constantina en el ejercicio del poder del César Galo (351-353 d.C.). In: BRAVO, Gonzalo; PEREA YÉBENES, Sabino; FERNÁNDEZ PALACIOS, Fernando (eds.). **Mujer y Poder en la Antigua Roma**. Madrid; Salamanca: Signifer Libros, 2018, p. 237-246.

GWYNN, David M. **The Eusebians: The Polemic of Athanasius of Alexandria and the Construction of the 'Arian Controversy'**. Oxford: Oxford University Press, 2007.

HANAGHAN, Michael; WOODS, David. **Ammianus Marcellinus from Soldier to Author**. 1. ed. London: Brill, 2022.

HANAGHAN, Michael; WOODS, David. **Ammianus Marcellinus from Soldier to Author**. 1. ed. London: Brill, 2022.

HANAGHAN, Michael; WOODS, David. Introduction. In.: HANAGHAN, Michael; WOODS, David. **Ammianus Marcellinus from Soldier to Author**. 1. ed. London: Brill, 2022.

HARRIES, J. **Imperial Rome AD 284 to 363: The New Empire**. Edinburgh: University Press, 2012.

HARRIES, Jill. Empresses' Tale, ad 300–360. In: HARRISON, Carol; HUMFRESS, Caroline; SANDWELL, Isabella (eds.). **Being Christian in Late Antiquity: A Festschrift for Gillian Clark**. Oxford: University Press, 2014, p. 197-214.

HEATHER, Peter. *The fall of the Roman Empire*. Londres: MacMillan, 2005.

HIDALGO DE LA VEGA, Maria José. **Las emperatrices romanas: Sueños de púrpura y poder oculto**. Salamanca: Universidad de Salamanca, 2012.

HILLNER, Julia D. **A woman's place: imperial women in late antique Rome**. *Antiquite Tardive*, 2017, 25. pp. 75-94.

HILLNER, Julia. (2018, May 24). **Constantina, daughter of Constantine**, wife of Gallus Caesar, and patron of St. Agnes at Rome. Oxford Classical Dictionary. Retrieved 15 Jan. 2024, from <https://oxfordre.com/classics/view/10.1093/acrefore/9780199381135.001.0001/acrefore-9780199381135-e-8066>.

HILLNER, Julia. **Helena Augusta. Mother of Empire**. Oxford University Press, 2023.

HOLLERICH, Michael J. **Making Christian history**: Eusebius of Caesarea and his readers. University of California Press Oakland, California, 2021.

Hollywood, Amy. Gender, Agency, and the Divine in Religious Historiography. **The Journal of Religion** 84 (2004): 514-28.

HOLM, S. Empress with Agency: Eusebia's Efforts to Consolidate the Constantinian Dynasty. In.: ROLLINGER, Christian; VIERMANN, Nadine. **Empresses-in-waiting**: Female power and performance at the late roman court. Liverpool University Press, 2024, p. 43-66.

HOLUM, Kenneth G. **Theodosian Empresses**: Women and Imperial Dominion in Late Antiquity. Berkeley; Los Angeles: University of California Press, 1989.

HOOK, La Rue van. The Literary Criticism in the Bibliotheca of Photius. **Classical Philology**, 1909, 4, no. 2, p. 178–89. <http://www.jstor.org/stable/261825>.

HUMPHRIES, Mark. The tyrant's mask? Images of good and bad rule in Julian's *Letter to the Athenians*. In.: BAKER-BRIAN, Nicholas; TOUGHER, Shaun. **Emperor and Autor – The Writings of Julian the Apostate**. The Classical Press of Wales, 2012

HUMPHRIES, Mark. Late Antiquity and World History Challenging Conventional Narratives and Analyses. 2017, **Studies in Late Antiquity**, Vol. 1, Number 1, pps. 8-37.

HUNT, David. The successors of Constantine. In: CAMERON, Averil; GARNSEY, Peter (eds.). **The Cambridge Ancient History**. v. XIII (The Late Empire A.D. 337-425). Second edition. Cambridge/New York: Cambridge University Press, 2007 [1998]. p. 1-43.

HUNT, James Michael. **Constantius II in the Ecclesiastical Historians**. Fordham University ProQuest Dissertations Publishing, 2010.

IVES, Samuel A. **Photius of Constantinople, the First Book-Reviewer**. The Library Quarterly, Vol. 21, No. 4 (Oct., 1951), pp. 285-289

JAMES, Liz. **Empresses and Power in Early Bizantium**. London/New York: Leicester University Press, 2001.

JAMES, Liz. Ghosts in the Machine: The Lives and Deaths of Constantinian Imperial Women. In: GARLAND, Lynda; NEIL, Bronwen (orgs.). **Questions of Gender in Byzantine Society**. London; New York: Routledge, 2013, p. 93-112.

JAMES. L. Is there an empress in the text? Julian's Speech of Thanks to Eusebia. In: BAKER-BRIAN, Nicholas; TOUGHER, Shaun (eds.). **Emperor and Autor: The Writings of Julian the Apostate**. Swansea: The Classical Press of Wales, 2012, p. 47- 60.

JONES, Arnold Hugh Martin. The Later Roman Empire 284–602. A Social, Economic and Administrative Survey 1, Oxford, 1964.

JONES, Arnold Hugh Martin. The Later Roman Empire, 284-602: **A social economic and administrative survey**. Norman: University of Oklahoma Press, v.1, 1964.

JONES, Hannah. Agnes and Constantia: Domesticity and Cult Patronage in the Passion of Agnes. In.: COOPER, K.; HILLNER, Julia. **Religion, Dynasty and Patronage in Early Christian Rome, 300–900**. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2007.

JUNEAU, Jason. Pietas and Politics: Eusebia and Constantius at Court. **The Classical Quarterly**, Cambridge, 1999, v. 49, n. 2, p. 641-644.

KAEGI, Walter Emil. The Emperor Julian At Naissus. **L'Antiquité Classique**, 1975, 44, no. 1, p.161–71. <http://www.jstor.org/stable/41650264>.

KELLY, G. Why We Need a New Edition of Ammianus Marcellinus. In.: HANAGHAN, Michael; WOODS, David. **Ammianus Marcellinus from Soldier to Author**. 1. ed. London: Brill, 2022.

KELLY, Gavin. Ammianus' Greek accent. **Talanta**, XLV, 2013, 67 – 7.

Kent, J.P.C., **The Roman Imperial Coinage**. The family of Constantine I. A.D. 337–364, Vol. VIII, London 1981.

KRAUS, Christina Shuttleworth. Historiography and Biography. HARRISON, S. **A Companion to Latin Literature**. Wiley-Blackwell, 2008, p.241-256.

LAGACHERIE, Odile. Libanios et Ammien Marcellin: les moyens de l'héroïsation de l'empereur Julien. Étude comparée du discours 1, 132-133 (Bios) de Libanios et de l'Histoire XXV, 3, 1-9 d'Ammien Marcellin. **Revue des Études Grecques**, tome 115, Juillet-décembre 2002. p. 792-802;

LASALA-NAVARRO, Isabel. **Helena Augusta: una biografía histórica**. 2009. 351 f. Tese (Doctorado em Ciencias de la Antigüedad) – Universidad de Zaragoza, Zaragoza, 2009.

LENSKI, Noel (editor). **The Cambridge Companion to The Age of Constantine**. Cambridge University Press, 2006.

MACHADO, Carlos Augusto Ribeiro. A Antiguidade Tardia, a queda do Império Romano e o debate sobre o “fim do mundo antigo”. 2015, **História (São Paulo)**, n. 173, p. 81-114.

MACHADO, Carlos Augusto Ribeiro. Prefácio. In: GONÇALVES, Bruna Campos. **Comparações dos conceitos de realza de Temístio e Amiano Marcelino: os casos de Joviano e Valentiniano I (363-375 d.C.)**. São Paulo: Annablume, 2015.

MACKIE, Gillian. A New Look At The Patronage Of Santa Costanza, ROME. **Byzantion** 67, no. 2, 1997, p. 383–406.

MAGALHÃES, Julio Cesar. Arianistas. In: FUNARI, Pedro Paulo Abreu. **As religiões que o mundo esqueceu**: como egípcios, gregos, celtas, astecas, e outros povos cultuavam seus deuses. São Paulo: Contexto, 2009.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. 3. ed. Campinas: Pontes Editora, 1997.

MALOSSE, Pierre-Louis. Philostorge, Libanios et Julien: Divergences et Convergences. In.: MEYER, Doris. **Philostorge et l'historiographie de l'antiquité tardive** / Philostorg im Kontext der spätantiken geschichtsschreibung. Stuttgart: Franz Steiner Verlag, 2011. P.203-

MARASCO, Gabriele (editor). **Greek & Roman Historiography in Late Antiquity. Fourth to Sixth Century A. D.** Brill, 2003, Leiden – Boston

MARASCO, Gabriele. The Church Historians (II): Philostorgius and Gelasius of Cyzicus. In: MARASCO, Gabriele (ed.). **Greek & Roman Historiography in Late Antiquity. Fourth to Sixth Century AD**. Leiden; Boston: Brill, 2003, p 255-288.

MARCONE, Arnaldo. A Long Late Antiquity? Considerations on a Controversial Periodization. **Journal of Late Antiquity**, vol. 1 no. 1, 2008, p. 4-19. *Project MUSE*, <https://dx.doi.org/10.1353/jla.0.0001>.

MATTHEWS, J. F. The Origin of Ammianus. **The Classical Quarterly, New Series**, Vol. 44, No. 1 (1994), pp. 252-269

MCCLANAN, Anne. **Representations of Early Byzantine Empresses**. Palgrave Macmillan, 2002.

MCEVOY, Meaghan. Constantia: The Last Constantinian. **Antichthon**, 50, 154-179, 2017.

MCFADDEN, Susan. A Constantinian Image Program in Rome Rediscovered: The Late Antique Megalographia from the so-called Domus Faustae. **Memoirs of the American Academy Rome** 58 (2013): 83–114.

MCGILL, S.; SOGNO, C.; WATTS, E.(eds.). **From the Tetrarchs to the Teodosians: Later Roman History and Culture, 284– 450CE**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

MELLOR, Ronald. **The Roman Historians**. Routledge, London and New York, 1999. (não terminado)

MEYER, Doris. **Philostorge et l'historiographie de l'antiquité tardive / Philostorg im Kontext der spätantiken geschichtsschreibung**. Stuttgart: Franz Steiner Verlag, 2011.

MOSER, Muriel. **Emperor and senators in the reign of Constantius II - Maintaining Imperial Rule Between Rome and Constantinople in the Fourth Century AD**. Goethe-Universität Frankfurt Am Main, 2018.

NILSON, Carina Marie. **The Empress in Late Antiquity and the Roman Origins of the Imperial Feminine**. Thesis submitted in partial fulfillment of the requirements for the degree of master of arts In the Department of History at Simon Fraser University, 2011.

OMISSI, Adrastos; ROSS, Alan J. **Imperial Panegyric from Diocletian to Honorius**. Liverpool University Press, 2020.

PAPA, Helena Amália. **A contenda entre Basílio de Cesareia e Eunômio de Cízico (séc. IV d.C.)**. São Paulo: Annablume, 2013.

PAVÓN, Pilar. Pompeya Plotina y Flavia Aurelia Eusebia: dos esposas imperiales a la altura de las circunstancias. In.: CHIRIATTI, Mattia C.; GIRVÉS, Margarita Vallejo. **Riflessi di Porpora: Declinazioni di potere femminile tra Roma, Bisanzio e l'Occidente Medievale**. Spoleto, Fondazione Centro Italiano Di Studi Sull'alto Medioevo, 2023, p.67-86.

PETIT, Paul. Les fonctionnaires dans l'œuvre de Libanius: analyse prosopographique. **Annales littéraires de l'Université de Besançon**, 541, 1994.

POTTER, David. **Constantine the Emperor**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

POTTER, David. **The Roman Empire at Bay**, AD 180–395, 2nd edn., London: Routledge, 2014.

POTTER, David. The Unity of the Roman Empire. In.: MCGILL, S.; SOGNO, C.; WATTS, E.(eds.). **From the Tetrarchs to the Teodosians: Later Roman History and Culture**, 284–450CE. Cambridge: Cambridge University Press, 2010, 13–32.

PRIEUR, Jean-Marc. Aèce selon l’Histoire ecclésiastique de Philostorge. In: **Revue d'histoire et de philosophie religieuses**, 85e année n°4, Octobre-Décembre 2005. pp. 529-552;

Rapoport, David C. The Political Dimensions of Military Usurpation. **Political Science Quarterly** 83, no. 4 (1968): 551–72. <https://doi.org/10.2307/2146814>.

REDONDO MOYANO, Elena. Encomio de personajes femeninos: Elogio de la emperatriz Eusebia de Juliano el Apóstata. In: GARCÍA DE ITURROSPE, Maite Muñoz (coord.). **Antiguos y modernos: presencias clásicas, de la Antigüedad al siglo XXI**. España: Universidad del País Vasco, 2009, p. 59-80.

REES, Roger (ed.). **Oxford Readings in Classical Studies. Latin Panegyric**. Oxford: University Press, 2012.

REES, Roger. Intertitles as deliberate misinformation in Ammianus Marcellinus. In.: JANSEN, Laura. **The Roman Paratext: Frame, Texts, Readers**. Cambridge/New York: Cambridge University Press, 2014, p.129-142.

REES, Roger. **Layers of Loyalty in Latin Panegyric AD 289-307**. Oxford: University Press, 2002.

REINHOLD, Meyer. Usurpation of Status and Status Symbols in the Roman Empire. **Historia: Zeitschrift Für Alte Geschichte** 20, no. 2/3 (1971): 275–302. <http://www.jstor.org/stable/4435195>.

RÉMOND, Réne (org.). **Por uma História Política**. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

RIEGL, Alois. **Die spätrömische Kunstindustrie nach den Funden in Österreich. Druck und Verlag der Kaiserlich- Königlichen Hof- und Staatsdruckerei**, 1901.

RODRÍGUEZ GERVÁS, Manuel José. Mujeres Imperiales en la domus Constantiniana. *Studia histórica*. **Historia Antigua**, Salamanca, vol. 22, p. 125-138, 2004.

ROHRBACHER, David. **The Historians of Late Antiquity**. Routledge, London and New York, 2002

ROLLINGER, Christian; VIERMANN, Nadine. **Empresses-in-waiting: Female power and performance at the late roman court**. Liverpool University Press, 2024.

RONCONI, Filippo. The Patriarch and the Assyrians: New Evidence for the Date of Photios’ Library. **Segno e Testo**, 2013, 11, Cassino - Italy, pp. 387-395

ROSS, A. Constantius and the sieges of Amida and Nisibis: Ammianus’ relationship with Julian’s panegyrics. **Acta Classica**, v. 57, n. annual, p. 127–154, 2014.

ROSS, A. J. **Ammianus' Julian: narrative and genre in the Res Gestae**. Oxford: Oxford University Press, 2016.

SALWAY, Benet. Redefining the Roman Imperial Élite in the Fourth Century AD. In.: BRIKS, Piotr. **Elites in the Ancient World**. Szczecińskie Studia nad Starożytnością vol. II. Szczecin: Zakład Historii Starożytnej, 2015, p. 199-220.

SANCHEZ-OSTIZ, Álvaro (ed.) **Beginning and end: from Ammianus Marcellinus to Eusebius of Caesarea**. Universidad de Huelva, ANEJO VII 2016.

SANCHEZ-OSTIZ, Álvaro; TORRES GUERRA, José B. Torres Guerra. Ammianus, Eusebius and 4th-Century Historiography: From Dusk To Dawn? In.: SANCHEZ-OSTIZ, Álvaro (ed.) **Beginning and end: from Ammianus Marcellinus to Eusebius of Caesarea**. Universidad de Huelva, ANEJO VII 2016.

SARRI, A. **Material aspects of letter writing in the Graeco-Roman world, 500 BC - AD 300**. Berlin-Boston, 2018.

SCOTT, Jean. **Gênero: uma categoria útil para análise histórica**. Tradução: Christine Rufino Dabat Maria Betânia Ávila. Texto original: Joan Scott – Gender: a useful category of historical analyses. Gender and the politics of history. New York, Columbia University Press. 1989

SCOTT, Joan. **Género e historia**. Trad de Consol Vilà I. Boadas. México, Universidad Autónoma de la Ciudad de Mexico, 2008.

SCOTT, Joan. História das mulheres. In.: PETER BURKE (Org.). **A Escrita Da História - Novas Perspectivas**. Editora Unesp, 1992.

SEJO IBÁÑEZ, Elisabet. Benevolencia imperial: el agradecimiento de Juliano a la emperatriz Eusebia. In: BRAVO, Gonzalo; PEREA YÉBENES, Sabino; FERNÁNDEZ PALACIOS, Fernando (eds.). **Mujer y Poder em la Antigua Roma**. Madrid; Salamanca: Signifer Libros, 2018, p. 247-258.

SHAPIRO, Susan P. Agency Theory. **Annual Review of Sociology**, vol. 31, 2005, pp. 263–84. JSTOR, <http://www.jstor.org/stable/29737720>. Accessed 18 Oct. 2023.

SILVA, G. V. da. **Reis, Santos e Feiticeiros: Constâncio II e os fundamentos místicos da basileia 337 – 361**. 2 ed. Vitória: Editora da UFES, 2015.

SILVA, Gilvan Ventura da. **A escalada dos imperadores proscritos. Estado, conflito e usurpações na Antiguidade Tardia (285 – 395)**. Vitória: GM Editora, 2018.

SILVA, Gilvan ventura. Medo e fúria pelas ruas da cidade: o governo de Galo César em Antioquia (351-354). **Revista do Museu Arqueologia e Etnologia**, vol. 32, 2019, p. 18-32.

SMORCZEWSKI, Łukasz. Diecezja Pietas. In: SMORCZEWSKI, Łukasz. **Administracja diecezji Pontu w późnym Cesarstwie Rzymskim**. Poznań: Druk, 2019, p. 121-132.

SNIVELY, Carolyn S. Macedonia in Late Antiquity. ROISMAN, Joseph; WORTHINGTON, Ian. **A Companion to Ancient Macedonia**. Malden/Oxford/Chinchester: Wiley-Blackwell, 2010.

SOGNO, Cristina; STORIN, Bradley K.; WATTS, Edward. Introduction. In.: SOGNO, Cristina; STORIN, Bradley K.; WATTS, Edward. **Late Antique Letter Collections: A Critical Introduction and Reference Guide**. University of California Press, 2017.

SÓLYOM, Márk. Usurpers from Illyricum in the fourth-century breviaria. In.: NÉMETH, György; BAJNOK, Dániel. **Miscellanea Historiae Antiquitatis** - Proceedings Of The First Croatian-Hungarian Phd Conference On Ancient History. Budapest: Kodex Könyvgyártó KFT, 2014.

STÖKL, Jonathan. The Role of Women in the Prophetic Process in Mari: A Critique of Mary Keller's Theory of Agency. In.: AUGUSTIN, Matthias; NIEMANN, Hermman Michael. **Thinking towards New Horizons: Collected Communications to the XIXth Congress of the International Organization for the Study of the Old Testament**, Ljubljana 2007, Frankfurt: Peter Lang, 2008, p.173-88.

TESTA, Rita Lizzi. The Late Antique Bishop: Image and Reality. In.: ROUSSEAU, P. **A Companion to Late Antiquity**. Wiley-Blackwell, 2009.

THOMPSON, E. A. Ammianus' account of Gallus Caesar. **The American Journal of Philology**, v. 64, n°3, 1943, p. 302-315.

THOMPSON, Edward Arthur. **The Historical Work of Ammianus Marcellinus**. Cambridge: University Press, 1947.

TOUGHER Shaun. Ammianus and the eunuchs. In: DRIJVERS, Jan Willem; HUNT, David. (eds.). **The late roman world and its historian: interpreting Ammianus Marcellinus**. London: Taylor & Francis e-Library, 2005, p. 64-73.

TOUGHER, S. The Advocacy of an Empress: Julian and Eusebia. **The Classical Quarterly**, Cambridge, v. 48, n. 2, p. 595-599, 1998b.

TOUGHER, S. **Julian the Apostate**. Edinburgh: University Press, 2007.

TOUGHER, S. Ammianus Marcellinus on the Empress Eusebia: A Split Personality? **Greece & Rome**, Cambridge v. 47, n. 1, p. 94-101, 2000.

TOUGHER, S. Eusebia and Eusebius: The Roles and Significance of Constantinian Imperial Women and Court Eunuchs. In: TOUGHER, Shaun; BAKER-BRIAN, Nicholas (orgs). **The Sons of Constantine, AD 337-361: In the Shadows of Constantine and Julian**. London: Palgrave Macmillan, 2020, p. 185-220.

TOUGHER, S. In Praise of an Empress: Julian's Speech of Thanks to Eusebia. In: WHITBY, Mary (ed.). **The Propaganda of Power: The Role of Panegyric in Late Antiquity**. Leiden; Boston: Brill, 1998a, p. 105-123.

TOUGHER, Shaun. Imperial Blood: Family Relationships in the Dynasty of Constantine the Great. In.: HARLOW, Mary; LOVÉN, Lena Larson. **Families in the Roman and Late Antique World**. The Family in Antiquity vol II, 2012.

TOUGHER, Shaun. Imperial Blood: Family Relationships in the Dynasty of Constantine the Great. In.: HARLOW, Mary; LOVÉN, Lena Larsson. **Families in the Roman and Late Antique World**. London/New York: Continuum International Publishing Group, 2012.

TOUGHER, Shaun. Julian and Claudius Mamertinus: Panegyric and Polemic in East and West. In.: OMISSI, Adrastós; ROSS, Alan J. **Imperial Panegyric from Diocletian to Honorius**. Liverpool University Press, 2020, p.93-116.

TOUGHER, Shaun. Periodization. LOUGHRAN, Tracey (Editor). **A Practical Guide to Studying History Skills and Approaches**. Bloomsbury Academic, 2017, p. 31-45 (EPUB, paginação irregular)

TRAPP, Michael. The emperor's shadow: Julian in his correspondence. In: BAKER-BRIAN, Nicholas; TOUGHER, Shaun (eds.). **Emperor and author: the writings of Julian the Apostate**. Swansea: The Classical Press of Wales, 2012, p. 105-120.

TRAPP, Michael. Greek and Latin letters. An Anthology with Translation. Cambridge, 2003

TROUT, Denis. 'Being Female': Verse Commemoration at the Coemeterium S. Agnetis (Via Nomentana). In: HARRISON, Carol; HUMFRESS, Caroline; SANDWELL, Isabella. **Being Christian in Late Antiquity A Festschrift for Gillian Clark**. Oxford University Press, 2014.

VADERSPOEL, John. From the Tetrarchy to the Constantinian Dynasty: A Narrative Introduction. In: TOUGHER, Shaun; BAKER-BRIAN, Nicholas (orgs). **The Sons of Constantine, AD 337-361: In the Shadows of Constantine and Julian**. London: Palgrave Macmillan, 2020, p 23-55.

VAM DAM, Raymond. I Saw a Parrot: Philostorgius at Constantinople. In: VAN DAM, Raymond. **Becoming Christian: The Conversion of Roman Cappadocia**. University of Pennsylvania Press Philadelphia, 2003

VAN DAM, Raymond. **Becoming Christian: The Conversion of Roman Cappadocia**. University of Pennsylvania Press Philadelphia, 2003.

VAN NUFFELEN, Peter. Theology versus Genre? The Universalism of Christian Historiography in Late Antiquity. In: LIDDEL, Peter; FEAR, Andrew. (eds.) **Historiae Mundi**. Studies in Universal Historiography. London: Duckworth, 2010. p. 162-175.

VANDERPOEL, J. Imperial panegyric: Horatory or deliberative oratory?. In: TOUGHER, Shaun (editor). **The Emperor in the Byzantine World: Papers from the Forty-Seventh Spring Symposium of Byzantine Studies**. Routledge, 2019.

VANDERSPOEL, John. From the Tetrarchy to the Constantinian Dynasty: A Narrative Introduction. In.: Shaun Tougher e Nicholas Baker-Brian. **The Sons of Constantine, AD 337-361 - In the Shadows of Constantine and Julian**. Palgrave Mcmillan, 2020.

VANDERSPOEL, John. From the Tetrarchy to the Constantinian Dynasty: A Narrative Introduction. In.: Shaun Tougher e Nicholas Baker-Brian. **The Sons of Constantine, AD 337-361 - In the Shadows of Constantine and Julian**. Palgrave Mcmillan, 2020.

VANDERSPOEL, John. Provincia Macedonia. In.: ROISMAN, Joseph; WORTHINGTON, Ian. **A Companion to Ancient Macedonia**. Malden/Oxford/Chinchester: Wiley-Blackwell, 2010.

VUOLANTO, Ville. Public Agency of Women in the Later Roman World. In.: RANTALA, Jussi. **Gender, Memory, and Identity in the Roman World**. Amsterdam University Press, 2019, p.41-62.

WALDRON, Byron. **Dynastic Politics in the age of Diocletian, AD 284-311**. Edinburgh University Press, Edinburgh, 2022.

WARDMAN, Alan E. "Usurpers and Internal Conflicts in the 4th Century A.D." *Historia: Zeitschrift Für Alte Geschichte* 33, no. 2 (1984): 220–37.
<http://www.jstor.org/stable/4435883>.

WARD-PERKINS, Bryan. **The fall of Rome and the end of civilization**. Oxford: Oxford University Press, 2005.

WASHINGTON, Belinda. Playing with Conventions in Julian's Encomium to Eusebia: Does Gender Make a Difference? In.: OMISSI, Adrastios; ROSS, Alan J. **Imperial Panegyric from Diocletian to Honorius**. Liverpool University Press, 2020, p.93-116.

WATTS, Edward. Interpreting Catastrophe: Disasters in the Works of Pseudo-Joshua the Stylite, Socrates Scholasticus, Philostorgius, and Timothy Aelurus. *Journal of Late Antiquity*, 2, no. 1 (2009): 79-98.

WHITBY, Mary (ed.). **The Propaganda of Power: The Role of Panegyric in Late Antiquity**. Leiden; Boston: Brill, 1998.

WOODS, D. The Constantinian Origin of Justina (Themistius, Or. 3.43b). *The Classical Quarterly* 54, no. 1 (2004): 325–27. <http://www.jstor.org/stable/3556318>.

WOODS, David. Chrysostom, Ammianus, and the Death of the Empress Eusebia. *L'antiquité Classique*, Belgique, n. 87, 1998, p. 177-192

WOODS, David. Late Antique Historiography: A Brief History of Time. In.: ROUSSEAU, Philip (editor); (with the assistance of Jutta Raithel). **A Companion to Late Antiquity**. Wiley-Blackwell, 2009. P.357-371

WOODS, David. Libanius on Julian's alleged murder of his wife Helena. *The Classical Quarterly* 68.2, 2019 660–666.

WOODS, David. On the Death of the Empress Fausta. *Greece & Rome*, vol. 45, no. 1, 1998, pp. 70–86.

Anexo I

Árvore Genealógica da Família de Constantino com destaque para as mulheres

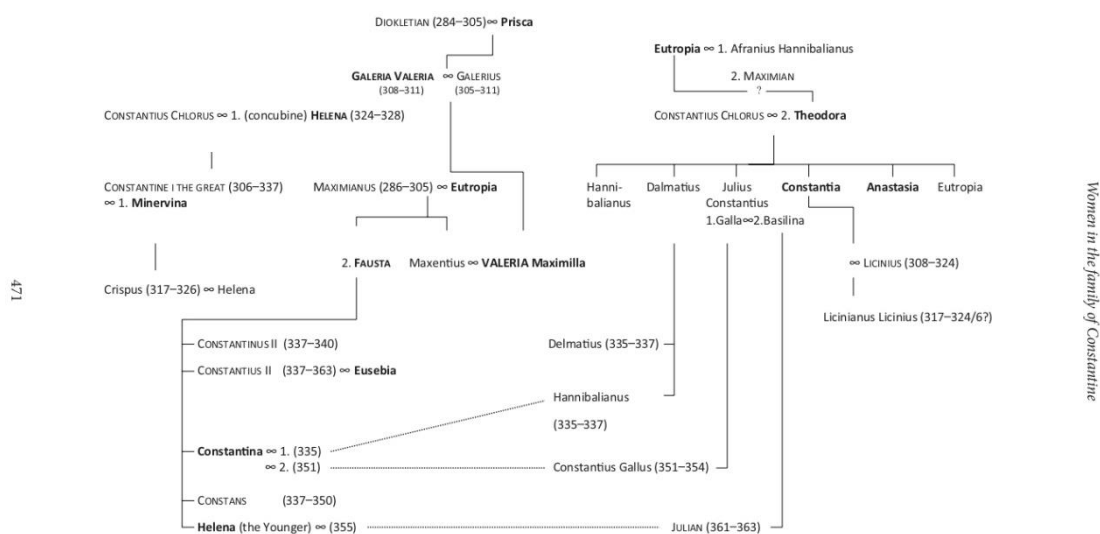


Figure 38.1 Genealogical chart of the family of Constantine. Dates are regnal dates

Fonte: DIRSCHLMAYER, Michaela. Women in the Family of Constantine. In: CARNEY, Elizabeth; MULLER, Sabine. (editors). The Routledge Companion to women and Monarchy in the Ancient Mediterranean world. London: Routledge, 2020, p.

APÊNDICE

Catálogo do *corpus* documental

No apêndice que se segue, apresentamos nosso catálogo das passagens que citam as mulheres imperiais Eusébia e Constantina. Em nosso processo de catalogação das documentações, optamos pela metodologia de Laurence Bardin apresentada em seu livro *Análise de Conteúdo* (2011). Essa autora desenvolveu uma técnica inovadora, reunindo elementos de técnicas já existentes, para a sistematizar e analisar a abundância crescente de informações que passaram a ser obtidas nas pesquisas a partir da década de 1970, com o aumento e a diversificação nas tipologias das documentações.

Bardin propôs a utilização da inferência, ou dedução lógica para se interpretar um texto, dando atenção não só para as informações presentes, como aquilo que está escrito, mas também para aquelas ausentes, como as condições de produção, destrinchando as camadas dessa documentação. (BARDIN, 2011, p. 38). Essas “condições de produção”, considerando o quanto é vaga essa denominação, permite inúmeras possibilidades de dedução, por exemplo, “as condições psicológicas do indivíduo emissor, variáveis sociológicas e culturais, variáveis relativas à situação de comunicação ou do contexto de produção da mensagem” (BARDIN, 2011, p. 40). Nesse sentido, o que se busca estabelecer “é uma correspondência entre as estruturas semânticas ou linguísticas e as estruturas psicológicas ou sociológicas (por exemplo: condutas, ideologias e atitudes dos enunciados.” (BARDIN, 2011, p. 41).

Dentre os inúmeros aparatos de estudo oferecidos por Laurence Bardin, optamos, nessa pesquisa, pela análise categorial. A primeira etapa dessa metodologia é a leitura atenta da documentação, com o destaque das passagens que se referem, direta ou indiretamente, às mulheres imperiais que são nossos objetos de estudo, Eusébia e Constantina. Em seguida, inserimos tais trechos num catálogo específico para cada documentação.

De maneira geral, temos quatro catálogos: para o *Panegírico em honra à imperatriz Eusébia*, a *Carta ao senado e ao povo de Atenas*, ambos de Juliano, para as *Res Gestae* (livros XIV-XXI), de Amiano Marcelino (325 – 391), embora estes estejam subdivididos em livros, seguindo a divisão da obra, e a *História Eclesiástica*, de Filostórgio (368 – 439).

A catalogação dessas documentações segue uma lógica semelhante. Dividimos, então, da seguinte forma: localização do trecho, a quem se refere (exceto no caso do *Panegírico* em

Honra à imperatriz Eusébia, que explicitamente é sobre ela), resumo e o trecho em si. Além disso, no caso do *Panegírico em honra à imperatriz Eusébia*, por se tratar de um texto dedicado à Imperatriz, ela é o assunto, e, para não citar todo o discurso no catálogo, selecionei apenas as partes mais relevantes para esta dissertação.

Seguiremos para os catálogos.

II.1 CATÁLOGOS

II. 1.1 Panegírico em Honra à Imperatriz Eusébia, de Juliano

Localização	Resumo	Passagem
104 b-c	Juliano justifica seu elogio a uma mulher.	Quanto a mim, parece-me estranho que elogiemos com satisfação os homens e, por outro lado, não consideremos uma nobre mulher digna de louvor, se pensarmos que elas são capazes de uma virtude em nada inferior à de homens. Se pensamos que deveria ser modesta, inteligente e recompensar a cada um, de acordo com o seu mérito, ser corajosa no perigo, magnânima e generosa e, por assim dizer, dotada de todas as virtudes semelhantes, devemos privá-la de elogios por suas ações por medo de ser reprovados por adulação? Homero não teve vergonha de elogiar Penélope ou a esposa de Alcínoo, nem qualquer outra mulher que se destacasse por sua nobreza ou virtude, por menor que fosse, deixou de receber seus elogios.
106 a-b	Juliano fala sobre a ordem dos itens do discurso	Pois bem, imitando aquele sábio e divino poeta, louvaremos a excelente Eusébia e, embora desejemos fazer um elogio digno dela, ficaremos contentes se conseguirmos mostrar, ainda que até certo ponto, suas muitas e belas qualidades, os méritos que possui, sua prudência e justiça, ou sua doçura e moderação, ou seu amor ao marido, ou sua liberalidade, ou sua maneira de honrar seus íntimos e parentes. Acho conveniente, seguindo os passos do que já foi dito, que se faça um elogio paralelo desta forma, dando-lhe a mesma ordem que o anterior, recordando o seu país, como é lógico, e os seus pais, como

		se casou e com quem, e tudo o resto da mesma forma que foi feito anteriormente
114c	Eusébia participava das decisões do Imperador	Porque estas passam a ser a dupla persuasão e a dupla forma de amor, das quais Eusébia foi igualmente suprida, fazendo-se participante das decisões do Imperador que, sendo já por natureza doce, bom e benevolente, ela convida, da maneira mais adequada, a seguir o que está em sua natureza e, assim, transformar a justiça em misericórdia. Para que ninguém pudesse dizer que esta Imperatriz foi a causa de alguma pena, justa ou injusta, ou de qualquer infelicidade, pequena ou grande
116a e 116b	Juliano comenta que a Imperatriz teria concedido privilégios aos seus parentes	... em seguida, conferiu honras a toda sua família e parentes, colocando aqueles que já eram famosos e mais velhos em altas posições e fazendo-os parecerem felizes e invejáveis, tornou-os amigos do Imperador e deu-lhes a base de sua presente fortuna. Pois se alguém acredita, como de outra forma é verdade, que eram merecedores de honras por si, creio que os elogios que lhe são devidos sem dúvida aumentarão, porque é evidente que ela não distribuiu favores apenas pelos laços de família, mas por causa da virtude, e não conheço elogio maior que poderia ser feito.
118b e 118c	Eusébia convence o Imperador se encontrar com Juliano em 354	Mas desde que a Imperatriz ouviu a primeira palavra, não de qualquer crime, mas de uma vã suspeita, ela lhe pediu que investigasse e, antes disso, que não prestasse atenção ou aceitasse uma mentira e difamação injusta, e ela não cessou de pedir a ele até que ela conseguisse me levar à presença do Imperador e me dar uma chance de falar
118c e 118d	Eusébia consegue autorização para que Juliano fosse estudar em Atenas	E ela compartilhou minha alegria quando fui absolvido de qualquer acusação injusta e, querendo voltar para casa novamente, ela providenciou uma escolta segura para mim, convencendo primeiro o Imperador. Mas, tendo interrompido minha viagem, seja por causa da divindade que parecia ter tramado os acontecimentos anteriores

		contra mim, ou por causa de algum outro acidente, ele me mandou visitar a Grécia. Ela pediu este favor ao Imperador quando eu já tinha saído, e, porque ele tinha sabido de meu gosto pela literatura, entendi que esta cidade era apropriada para o meu aprendizado
121b e 121c	Eusébia convenceu Juliano a aceitar a posição de César	Quando o Imperador confirmou essa decisão a meu respeito, ela ficou muito contente e manifestou a sua total concordância harmoniosa, ordenando-me que tivesse coragem e não recusasse, por medo, a grandeza do que me fora oferecido, agindo de uma franqueza rude e demasiado presunçosa, dispensando desajeitadamente o pedido importante daquele que me concedeu tantos bens. Obedeci, suportando algo que não era nada agradável para mim, embora, por outro lado, estivesse perfeitamente ciente de como era difícil desobedecer. Porque quem tem a possibilidade de fazer o que quiser pela força, simplesmente pede algo para obrigar e convencer.
123d	Juliano também recebeu a mão da irmã do Imperador, Helena, em casamento	Vocês querem, então, que narremos ou seus feitos posteriores e todas as suas belas e delicadas obras destinadas a nós, uma a uma? Ou, juntando tais obras de uma vez, como ela fez, devo contar a vocês sobre todas as benevolências que ela concedeu para meus conhecidos e como ela me uniu, por casamento, à família do imperador?
124a	Juliano recorda dos livros presenteados por Eusébia	No entanto, há um de seus presentes que tenho o prazer de lembrar a vocês, pelo qual senti uma alegria superior. De uma só vez ela me deu tantos livros de bons filósofos, historiadores e de muitos oradores e poetas – eu, que só trouxe alguns de minha casa, movi minha alma pelo desejo e esperança de voltar a ela o mais rápido possível – que preencheu minha paixão insaciável por aquela empresa e transformou a Gália e a terra dos celtas em um museu quando se trata de livros gregos
129a e 129b	Compara Eusébia a Péricles por não ter	Que outra testemunha, por parte da amizade de Zeus, necessitamos para vocês

	feito mal nenhum cidadão	de que a maior prova de virtude e aquela que é sobretudo digna de louvor é não ter matado nenhum cidadão, nem ter tirado os seus bens, nem o ter atirado para um exílio injusto? Mas quem se opõe pessoalmente a tais infortúnios, como um bom médico que não se contenta em não ser a causa de doença alguma, mas que, se não cura e cuida com todas as forças, considera o seu trabalho indigno da sua arte, não é? Não parece que por justiça eles mereceriam o mesmo elogio que Péricles? E não devemos honrar acima de tudo o caráter e a força com que a Imperatriz, que pode fazer o que deseja, almeja precisamente o bem para todos? Para mim este é o principal de todos os elogios, embora não faltem outros assuntos que me parecem maravilhosos e brilhantes
--	--------------------------	---

II.1.2 Carta ao Senado e ao povo de Atenas, de Juliano

Localização	Mulher Imperial	Resumo	Passagem
272d	Constantina e possível filha dela com Galo	Juliano critica a ação de Constâncio II ao executar Galo com quem tinha muitos laços familiares	No entanto, para agradar a um eunuco, o camareiro e, além disso, o prefeito de seus cozinheiros, aquele que era seu primo, César, marido de sua irmã, pai de sua sobrinha, com cuja irmã ele se casou pela primeira vez, com quem tantos laços dos deuses familiares o uniram, entregaram-no à morte nas mãos de seus inimigos mais odiosos
273 a	Eusébia	Os deuses teriam guiado interferido para que Eusébia intercedesse por Juliano diante do Imperador Constâncio II	Ele me soltou com muita dificuldade, depois de me arrastar para lá e para cá por sete meses inteiros e me vigiando, de modo que, se não fosse porque um dos deuses, querendo me salvar, me ofereceu naquele momento a benevolência da bela e boa Eusébia, esposa, eu também não teria escapado de suas mãos então.
274 a	Eusébia	Refere-se mais uma vez à	Antes, ele [Constâncio II] não teria me encontrado mais do que uma vez

		ocasião em que a Imperatriz o ajudou em 355 e também menciona sua ida para Atenas	na Capadócia e outra na Itália, quando Eusébia intercedeu para me tranquilizar sobre a minha salvação, e isso porque durante seis meses habitei a mesma cidade que ele e, inclusive, ela prometeu me encontrar novamente.
274 b	Eusébia	Eusébia teria enviado uma mensagem a Juliano na Grécia através de seus eunucos particulares	Assim que cheguei da Grécia, imediatamente, por meio de seu serviço de eunucos, Eusébia, de sagrada memória, expressou-me seus melhores sentimentos.
275 c-d	Eusébia	Eusébia enviava cartas a Juliano, mas ele tinha medo de responde-la. Juliano também deseja que Eusébia e Constâncio II tenham filhos	E então mais ou menos o que se segue aconteceu. Quando cheguei a Milão, morava em um subúrbio. Lá Eusébia frequentemente me enviava testemunhos de sua benevolência e me convidava a escrever-lhe com confiança sobre o que eu precisasse. Escrevi-lhe uma carta, mais que uma súplica, contendo estes votos: "Que você tenha filhos para serem seus sucessores, e que Deus lhe conceda o que deseja, se me mandar para casa o mais rápido possível!" Mas ele suspeitou que não era seguro enviar ao palácio uma carta endereçada à esposa do imperador; Implorei aos deuses durante a noite que me mostrassem se deveria enviar meu bilhete à imperatriz; Eles me ameaçaram, se eu a mandasse para a morte mais vergonhosa. Que o que estou escrevendo para você é a verdade, coloquei todos os deuses como testemunhas. Assim, por esse motivo, abster-me de enviar a carta e desde essa noite fui invadido por um raciocínio que, talvez, mereça ser ouvido também por vós: «Agora, dizia a mim próprio, pretendo opor-me aos deuses e penso que sobre mim mesmo posso deliberar melhor do que eles, que tudo sabem?
277c	Eusébia	Refere-se aos livros que	A guarda dos meus livros fora confiada, por serem os únicos que eu

		Eusébia havia dado a ele	tinha entre os meus numerosos camaradas e fiéis amigos, a um médico que, tendo passado despercebida a sua amizade, acompanhou-me na viagem.
--	--	--------------------------	---

II.1.3 Res Gestae de Amiano Marcelino

Tratando-se do gênero de histórias, dividimos o catálogo da obra de Amiano Marcelino por livro. Devemos, mais uma vez destacar que os primeiros treze livros da Res Gestae foram perdidos, restando apenas os volumes do XIV ao XXXI. Além disso, para esse catálogo selecionamos apenas os livros que mencionam as mulheres imperiais que estudamos: Constantina e Eusébia. Assim, nosso catálogo conta com passagens do livro XIV, XV, XVI, XVII e XXI.

Observação: os tradutores de nossa documentação, por vezes, se referem às mulheres imperiais como ‘rainha’, optamos por deixar essa tradução, apontando a qual mulher imperial Amiano Marcelino se refere.

Livro XIV

Localização	Mulher Imperial	Passagem
XIV.1.2	Constantina	A essa crueldade se somara, além disso, um duro incentivo, sua esposa, excessivamente orgulhosa de ser irmã de Augusto, e que seu pai, Constantino, havia casado anteriormente com Hanibaliano, filho de seu irmão. Esta era uma verdadeira mulher feita de Fúria, que continuamente inflamava a ira de seu marido, e que estava tão sedenta de sangue quanto ele. Ambos ganharam experiência ao longo do tempo na arte de causar danos e, valendo-se de capangas astutos, que espalhavam boatos e costumavam acrescentar falsidades ao que era descoberto, sempre atentos às notícias falsas que lhes agradavam, caluniavam inocentes com a desculpa de que cobiçavam o poder ou que usaram artes proibidas
XIV.1.3	Constantina	Juntamente com outras questões menores, podemos destacar - já que com ela sua violência ultrapassou os limites usuais dos crimes - a morte repentina e desastrosa de um certo nobre de Alexandria chamado

		Clemácio. E é que, segundo o que foi dito, sua sogra estava loucamente apaixonada por ele e, como não conseguiu seduzi-lo, entrou por uma porta falsa do palácio e, oferecendo um valioso colar à ‘rainha’ [Constantina], conseguiu mandá-la para Honorato, conde então no Oriente
XIV.1.8	Constantina	Além disso, crescia um interesse constante em acompanhar notícias desse tipo, principalmente devido aos esforços da rainha [Constantina], que estava acabando precipitadamente com a fortuna do marido, quando o que ela tinha a fazer era conduzi-lo pelo caminho da verdade e da humanidade, valendo-se da sutileza feminina e dando-lhe conselhos úteis, tal como comentamos ao tratar da história dos Górdios, a respeito da esposa do cruel imperador Maximino.
XIV.7.4	Constantina	Esse caráter doentio foi agravado ainda mais por uma mulher desprezível que, trazida ao palácio a seu próprio pedido, disse a ele que soldados desconhecidos haviam conspirado secretamente contra ele. Então Constantina, exultante, como se a vida do marido já estivesse a salvo, fez esta mulher sair pelos portões do palácio carregada de presentes e em uma carruagem, na tentativa de que demonstração incentivasse outros a expor tentativas semelhantes ou, inclusive, mais sérias.
XIV.9.3	Constantina	Assim, no dia marcado para o terrível interrogatório, o general da cavalaria sentou-se como se fosse um juiz, diante de pessoas que já sabiam de antemão o que ia acontecer, enquanto apareciam por toda parte notários que, em fuga, comunicavam a César o que foi perguntado ou quais foram as respostas. Mas, devido às cruéis ordens de César, que também teve o incentivo da ‘rainha’ (Constantina), já que ela ocasionalmente enfiava a cabeça pelas cortinas, os acusados não foram autorizados a esclarecer as calúnias, de modo que muitos deles morreram.
XIV.11.6	Constantina	Após esta convocação, tudo o que restava era que o César se pusesse em marcha rapidamente. Além disso, para afastar todas as suspeitas, Constâncio tentou, com muitos elogios fingidos, encorajar sua irmã, esposa de Galo, a ir vê-lo, dizendo que sentia falta dela há muito tempo. Embora tivesse algumas dúvidas e temesse as frequentes demonstrações de crueldade de Constâncio, esperando acalmá-lo, já que ele era seu irmão, ela partiu. Mas, ao chegar à Bitínia, onde pararam em um lugar chamado

		<i>Caenos Gallicanos</i>, ela morreu depois de ter uma febre repentina. Diante dessa morte, quando o marido percebeu que a garantia de sua proteção havia desaparecido, ele ficou angustiado sem saber o que fazer.
XIV.11.22	Constantina	Diante disso, Galo, completamente pálido, só pôde dizer que havia ordenado a execução de várias pessoas forçado por sua esposa Constantina, sem realmente saber que quando Alexandre o Grande foi incentivado por sua mãe a matar um inocente e, para conseguir seu propósito, ela repetiu várias vezes que durante a gravidez ela o havia carregado em seu ventre por nove meses, ele respondeu com prudência: “Pede-me outra graça, querida mãe, porque a vida de um homem não pode ser paga com qualquer recompensa”.

Livro XV

Localização	Mulher Imperial	Passagem
XV.2.8	Eusébia	Embora Juliano esclarecesse essas acusações e mostrasse que não havia feito nada sem que lhe fosse ordenado, ele teria sido morto por aquele grupo nefasto de bajuladores se não tivesse o encorajamento divino e o favor da imperatriz Eusébia, por cuja ajuda foi conduzido a cidade de Como, perto de Milão, e depois de passar algum tempo lá, pôde viajar para Grécia para enriquecer seu espírito, que era seu desejo mais ardente.
XVI, 8, 3	Eusébia	Só a Imperatriz enfrentou essa resistência obstinada, seja porque temia os perigos de uma viagem a lugares distantes, seja porque, por sua inata prudência, desejava o bem geral e dizia que os parentes deveriam vir antes de todos. Depois de muitos desvios e vãs deliberações, Constâncio II tomou uma decisão firme e, evitando disputas inúteis, decidiu dividir o Império com Juliano.
XVI, 10.18	Eusébia e Helena	Enquanto isso, Helena, irmã de Constâncio e esposa do César Juliano, foi levada à Roma por um convite aparentemente amigável, de acordo com um plano traçado pela Imperatriz Eusébia, estéril ao longo da vida, que a convenceu a beber um veneno preparado de má-fé para que, então, quando ela engravidasse, perdesse o filho

XVI, 10,19	Eusébia e Helena	Anteriormente, na Gália, depois de levar em seu ventre um filho homem, ela [Helena] também o perdeu por causa de uma intriga, já que a parteira, em troca de uma recompensa, o matou depois que ele nasceu, cortando o cordão umbilical mais do que o conveniente. Eles foram tão longe e tão conscienciosos foram os esforços feitos para que este homem tão valoroso [Juliano] não tivesse descendência
XVI, 11,13	Eusébia e Constâncio II	No entanto, os rumores diziam insistentemente que Juliano havia sido escolhido não para acalmar os tumultos na Gália, mas para que morresse nessas terríveis batalhas, pois então ele ainda era considerado inexperiente e incapaz de suportar até mesmo o som de armas.

Livro XVII

Localização	Mulher Imperial	Passagem
XVII, 7,6	Eusébia	Muitos foram mortos em um só tremor pouco antes disso, depois o massacre com montanhas de cadáveres. Alguns permaneceram ilesos sobre os telhados de casas ou ao redor, quase desfalecidos pela angústia e pela fome. Entre estes, podemos citar Aristeneto, ao assumir o cargo de vicário da recente diocese, criada por Constâncio II, em memória de sua esposa, Eusébia, denominada <i>Pietas</i> . Aristeneto morreu nesta catástrofe, depois de um longo sofrimento

Livro XVIII

Localização	Mulher Imperial	Passagem
XVIII, 3, 2	Eusébia	Barbácio tinha uma esposa chamada Assíria, nada discreta ou prudente, que, quando o marido saiu em uma expedição, terrivelmente perturbada pelo medo e pela lembrança do que lhe fora anunciado, levada pela vaidade feminina, chamou uma escrava que conhecia perfeitamente as letras a quem recebeu da herança de Silvano. Mais tarde, escreveu a Barbácio de forma totalmente inadequada, implorando-lhe com lamentáveis queixas de que, após a morte certa de Constâncio II, quando fosse elevado à dignidade imperial, como esperava, não a rejeitasse para se casar

		com Eusébia, agora Imperatriz e mulher que se destacava entre os outras pela beleza de seu corpo.
XVIII, 3, 3	Eusébia	Quando todos os que haviam embarcado na expedição voltaram, uma vez que a carta foi enviada com o maior sigilo possível, a escrava que a havia escrito por indicação de sua senhora escapou no primeiro sono da noite, levando uma cópia para Arbício e, após ser saudada com grande expectativa, entregou-lhe a nota.
XVIII, 3, 4	Eusébia	Como Arbício estava muito aberto a denúncias, confiando nas provas, entregou-as ao Imperador que, segundo o costume, investigou sem demora nem descanso. E quando Barbácio confessou ter recebido a carta, ele e sua esposa, acusada de tê-la escrito em razão de claras evidências, morreram com a garganta cortada.

Livro XXI

Localização	Mulher Imperial	Passagem
XXI. 6,4	Eusébia	Ao mesmo tempo, elegeu como esposa Faustina, pois fazia tempo que tinha perdido Eusébia, irmã dos cônsules Eusébio e Hipácio, uma mulher que se sobressaia por sua beleza e sua educação, muito humana apesar de sua posição elevada e, graças aos seus favores, como já mencionamos, Juliano foi livrado de uma situação perigosa e declarado César.
XXI. 1,5	Helena (esposa de Juliano) e Constantina	Enquanto os jogos aconteciam, ele enviou os restos mortais de sua falecida esposa Helena para Roma para ser enterrado em uma vila na Via Nomentana, onde Constantina, sua irmã e ex-mulher de Galos, também foi enterrada.

II. 4 História eclesiástica de Filostórgio

Diferentemente do catálogo que fizemos para a Res Gestae de Amiano Marcelino, cujo número de citações era bem maior, o catálogo de Filostórgio não foi separado por livros. Dividimos o catálogo da obra de Filostórgio em duas partes: na primeira, colocaremos as citações referentes aos livros e capítulos (Ex: III, 22), e na segunda, as citações dos apêndices (Ex: Ap. 11).

Localização	Mulher Imperial	Passagem
Filost. III, 22.	Constantina	Constante, diz ele, perdeu a vida durante a usurpação de Magnêncio por causa de seu zelo por Atanásio. Quando ele morreu, Constâncio estava em Edessa na Mesopotâmia (onde a guerra persa exigia sua presença), então sua irmã mais velha Constância [Constantina] (a viúva de Hannibalianus), temendo que o usurpador Magnêncio pudesse assumir tudo, nomeou Vetrânio, um dos generais, como César. Ela foi considerada como tendo o poder de fazer isso porque o pai de todos eles, enquanto ainda vivo, a coroara com um diadema e a nomeara Augusta. Quando Constâncio soube disso, ele imediatamente enviou um diadema a Vetrânio e confirmou sua posição imperial. Então ele partiu para o oeste em ordem de batalha contra Magnêncio, pretendendo aliar-se a Vetrânio, mas como este mostrou sinais de rebelião, ele capturou Vetrânio e despojou-o do manto imperial. Ele não lhe fez outro mal e até o convidou a partilhar a sua mesa e depois o enviou a Prusa, na Bitúnia, ordenando que fosse provido em magnífica abundância e cuidando para que não lhe faltasse nada que pudesse contribuir para o bem-estar de alguém na vida privada.
Philost. III 28	Constantina	A coragem de Galo lhe valeu a mais alta distinção no conflito com os persas, aqueles que se deliciam em fazer acusações inflamaram o ciúme do imperador, e quando a guerra persa foi encerrada pela bravura do César, Constâncio enviou Domiciano, que era chamado um prefeito pretoriano, encarregando-o de impedir as excursões secretas de Galo de Antioquia; pretendia assim diminuir sua reputação de coragem e preocupação cívica. Domiciano, porém, não cumpriu com moderação nenhuma de suas ordens, exibiu arrogância de atitude e ação, e quando chegou a Antioquia, onde Galo estava hospedado, não se dignou a visitá-lo. Por essa razão, e por outras causas contribuintes, ele planejava condenar o insolente à morte, e convocou Moncio para secundar sua decisão. Mas ele com suprema arrogância respondeu: “Você não tem autoridade nem mesmo para nomear um controlador! Como você pode matar um prefeito pretoriano?” Em que a esposa de Galos Constantia [Constantina], furiosa com o desprezo assim demonstrado a Galo, que era César e marido de uma Augusta (ela havia recebido este título de seu pai), ela mesma puxou Moncio para os homens de armas e o entregou, de modo que o levaram pelo

		caminho mais rápido a Domeciano, a quem arrastaram de seu trono, e, amarrando cordas aos pés de ambos, mataram aqueles homens maus. Isso foi feito rapidamente e com a aprovação de Galo.
Philost IV. 1 e 1a	Constantina	Quando Constâncio soube o que havia acontecido com Mêncio e Domeciano, ficou furioso e mandou chamar Galo. Galo percebeu que a convocação não era um bom sinal, mas, temendo que recusá-la significasse guerra, obedeceu à ordem. Constância partiu antes dele, pois estava ansiosa para encontrar seu irmão primeiro e interceder com ele por seu marido. Mas quando ela chegou à Bitúnia, a morte pôs fim tanto à sua jornada quanto à sua vida. Por isso, Galos ficou ainda mais amedrontado, mas não alterou sua decisão inicial. Theófilo, o índio, partiu com ele. Mas quando ele chegou a Noricum, Barbácio, um homem com o posto de general, foi enviado de Milão, onde Constâncio estava hospedado, com o objetivo de despojar Galo da púrpura e bani-lo para uma das ilhas da Dalmácia.
Philost. IV, 1a [AP 14].	Constantina	Constâncio soube muito rapidamente sobre o que havia acontecido, então convocou a presença Galo. Ele, percebendo que a convocação não era um bom presságio, mas refletindo ainda que, se não estivesse disposto a obedecer, teria que pegar em armas e ir imediatamente à guerra contra Constâncio, escolheu antes o caminho da paz. E mandando a mulher à frente para amolecer Constâncio, partiu sozinho para enfrentar o perigo. Constância, então, partiu antes dele, pois estava ansiosa para encontrar primeiro seu irmão e interceder junto a ele para que seu marido não o tratasse com severidade. Viajando com grande pressa, no entanto, ela adoeceu no caminho e, chegando à Bitúnia, morreu ali em uma estação intermediária chamada Gallicanum. Galo, por sua vez, interpretou essa outra reviravolta inesperada como um grande golpe para ele, mas continuou sem alterar seus planos. Mas quando ele chegou a uma cidade de Noricum chamada Poetovio, o general Barbácio foi enviado para lá de Milão, onde Constâncio estava hospedado na época. Ele tirou a púrpura de Galo, reduziu-o à condição de privado e o baniou para uma ilha da Dalmácia.
Philost. IV.7	Eusébia	Ele diz que a esposa de Constâncio estava sujeita a acessos de histeria e, como ele era tão profundamente devotado a ela, foi forçado a chamar Teófilo do exílio, pois este último tinha a reputação

		de curar doenças pelo poder divino. Ao chegar, pediu perdão pelos pecados que havia cometido contra ele e suplicou-lhe que curasse sua esposa. Ele também não falhou em seu pedido, assim diz nosso autor. Pois Teófilo impôs suas mãos propiciatórias sobre a mulher e removeu a doença dela.
Philost. VII. 6a	Eusébia	Certa vez, quando um concílio estava sendo realizado e Eusébia, a esposa de Constâncio, estava se exibindo e recebendo a reverência dos bispos, só ele [Leôncio, bispo de Trípoli] fez pouco dela e ficou em casa. Ela ficou irritada com isso e ficou com raiva, e enviou uma mensagem para ele a reclamar e convencê-lo com promessas, dizendo: “Eu construirei uma grande igreja para você e a mobiliarei generosamente se você me visitar”. Mas ele respondeu: “Se você decidir fazer algo assim, sua majestade, então perceba que você estaria beneficiando sua própria alma não menos do que eu. Mas se você desejasse receber uma visita de uma maneira que mantivesse o respeito devido aos bispos, então, quando eu entrasse, você desceria imediatamente de seu alto trono, andaria ao meu encontro respeitosamente, inclinaria sua cabeça para minhas mãos e peça minhas bênçãos. Então eu mesmo estaria novamente sentado enquanto você permanecia em pé por respeito; você se sentaria quando eu pedisse, dando o sinal. Se você concordasse com isso, eu lhe faria uma visita. Caso contrário, você não poderia dar tantos ou tão grandes dons que transgrediríamos a sagrada lei do sacerdócio, renunciando à honra devida aos bispos”. Ao receber essa resposta, Eusébia ficou furiosa e considerou insuportável que Leôncio a tratasse dessa forma. Totalmente sob o domínio da raiva, seu temperamento feminino e espírito impulsivo deram vazão a um fluxo contínuo de ameaças e, relatando ao marido o que havia acontecido, ela o instou a exigir punição por isso. Mas ele, por sua vez, elogiou a liberdade de atitude que Leôncio havia demonstrado, acalmou a raiva de sua esposa e a mandou de volta para os aposentos das mulheres.

Apêndices

Localização	Mulher Imperial	Passagem
-------------	-----------------	----------

Ap. 7,6	Constantina	O Augusto Constâncio partiu para a guerra contra Magnêncio, mas antes que ele chegasse, Constância, a irmã de Constâncio, investiu Vetrânio em 1º de março com a púrpura e com posição imperial em Naissus, na Itália, e levantou aquele homem reverenciado para desafiar Magnêncio na batalha. Depois, quando Constâncio chegou às regiões onde a guerra estava sendo travada na Itália, ele recebeu Vetrânio com grande honra; então ele montou um palanque no alto da planície e, na presença do exército e com Vetrânio também ao seu lado, fez um discurso no qual disse que era apropriado para o reino que o poder fosse exercido pelo mesmo homem que havia recebido dos imperadores que eram seus antepassados e que também beneficiava o estado ter assuntos públicos administrados adequadamente por uma autoridade e assim por diante.
Ap. 7, 24f [Teófanos 67B].	Constantina	O senado em Roma investiu Nepociano e o soltou contra Magnêncio. Ele conheceu Magnêncio em Roma e foi morto por ele após governar por três meses. Mas antes que o imperador partisse para Roma, Constância [Constantina], também chamada Helena, a irmã de Constâncio, proclamou o venerado homem Vetrânio imperador e o levantou para desafiar Magnêncio na batalha. Constâncio, porém, tendo chegado a Roma e recebido Vetrânio com grande honra... [68B] Enquanto ele estava em Roma, ele foi ao <i>Campus Tribunalis</i> e, de pé acima com o exército e Vetrânio com ele, fez um discurso em que ele persuadiu o povo de que era apropriado que o poder do reino fosse mantido pelo homem que o havia recebido dos imperadores que eram seus antepassados e que também beneficiava o estado ter assuntos públicos administrados por uma autoridade e assim por diante nessa veia.
Ap. 7, 28a [Teófanos 68B–69B].	Eusébia	Constâncio voltou a Bizâncio e, a pedido de sua própria esposa, Eusébia, tirou o irmão de Galo, Juliano, da custódia, nomeou-o César e o enviou para a Gália, tendo se casado com ele em casamento com sua própria irmã Helena, de sobrenome Constância.
Ap. 11-12	Constantina	Tomando conhecimento disso pelas cartas de sua irmã, Constâncio deixou o leste, veio para o oeste, engajou na batalha contra ambos [Vetrânio e Magnêncio] e venceu decisivamente, Vetrânio tendo ido para o seu lado. Foi quando o sinal da cruz, tão enorme em tamanho e terrivelmente sagrado na aparência que ofuscou a luz do dia com seus raios

		deslumbrantes, apareceu em Jerusalém, particularmente, por volta da terceira hora do dia, na comemoração chamada Pentecostes. Estendia-se do lugar chamado Calvário até o Monte das Oliveiras, de onde o Salvador foi levado. Constâncio, então, possuía todo o reino, o único dos filhos de Constantino, o Grande, que restou. Contemplando a grandeza do reino, sentiu-se tonto, pois era apenas humano e não tinha ninguém de sua família para apoiá-lo (não tinha filhos, e nenhum de seus irmãos sobrevivera), e temia que algum outro usurpador pode se levantar contra seu governo. Por isso, pensou em tomar um de seus parentes como partilhante e apoiador de seu reino. E foi isso que ele fez, nomeando Galo, irmão de Juliano, como César. Galo era seu primo por parte de pai, já que [Júlio] Constâncio, pai de Galo e Juliano, era irmão de Constantino, o Grande. Ele o nomeou para este posto em Sirmium, dando-lhe como esposa sua própria irmã Constancia [Constantina] como garantia de sua fidelidade e confiabilidade e designando-lhe funcionários que ele próprio nomeou (ele não o deixou fazer as nomeações ele mesmo, César como ele era); eles eram Talássio, a quem ele enviou como prefeito pretoriano, e Mônica, que estava encarregado dos negócios oficiais com o título de questor, como esses homens costumam ser chamados; ele também o elevou ao posto de patrício.
--	--	---